

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO SUL E SUDESTE DO PARÁ
NÚCLEO UNIVERSITÁRIO DE RONDON DO PARÁ
CURSO DE PEDAGOGIA

MÁRIA DE FÁTIMA ARAÚJO SILVA

AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM: *(M)* PRESSÕES COTIDIANAS
DOS ALUNOS E ALUNAS DE RONDON DO PARÁ.

UFPA - RONDON
2004

PEDAGOGIA
ETIQUETA Nº 026

SSBI

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO SUL E SUDESTE DO PARÁ
NÚCLEO UNIVERSITÁRIO DE RONDON DO PARÁ
CURSO DE PEDAGOGIA

MÁRIA DE FÁTIMA ARAÚJO SILVA

AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM: *(IM)PRESSÕES* COTIDIANAS
DOS ALUNOS E ALUNAS DE RONDON DO PARÁ.

Trabalho de conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Pedagogia da Universidade Federal do
Pará, como requisito parcial para obtenção do
título Licenciatura Plena em Pedagogia
Orientadora: Profª Ms. Mara Rita Duarte de
Oliveira.

UFPA - RONDON
2004

UNIFESSPA
BIBLIOTECA JOSINEIDE TAVARES

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO SUL E SUDESTE DO PARÁ
NÚCLEO UNIVERSITÁRIO DE RONDON DO PARÁ
CURSO DE PEDAGOGIA

MÁRIA DE FÁTIMA ARAÚJO SILVA *

AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM: *(IM)PRESSÕES* COTIDIANAS
DOS ALUNOS E ALUNAS DE RONDON DO PARÁ.

Trabalho de conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Pedagogia da Universidade Federal do
Pará, como requisito parcial para obtenção do
título de Licenciatura Plena em Pedagogia.
Orientadora: Prof^a Ms. Mara Rita Duarte de
Oliveira.

Data da defesa: 10.11/2004

Banca Examinadora:

Mara Rita Duarte de Oliveira
Orientadora

Marizete Fonseca da Silva
Examinador (a)

Marcelo Almeida Araujo
Examinador (a)

UFPA – Rondon do Pará
2004

DEDICATÓRIA

*Dedico este trabalho às minhas filhas
Ana Paula e Andréia e a meu esposo
Paulo, que me compreenderam e
ajudaram nos momentos difíceis.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus por me permitir concluir este curso e vencer os obstáculos que surgiram em meu caminho.

A minha irmã Maria da Consolação Alves Ferreira, às amigas Raimunda Morais de Aguiar e Lilia Nazareth Aguiar de Souza, ao amigo João Rolla de Aguiar e a meu pai Raimundo Ramos de Araújo (in memoriam).

A meus amigos queridos e colegas de turma Albertino Rocha e Maria Elizinete, a todos os colegas da turma.

Aos professores da turma Pedagogia 99 e em especial às professoras Mara Rita e Rosirene, aos professores Mário e Alexandre, às minhas filhas Ana Paula e Andréia Araújo da Silva e meu querido esposo Paulo Quitério da Silva pelo carinho e compreensão a mim dedicados.

EPIGRAFE

Se não acreditarmos que o aluno pode aprender, se não estivermos convencidos de que podemos de fato ensiná-lo, não teremos o empenho necessário para ajudá-lo a avançar em sua aprendizagem.

Fátima Silva

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| Introdução | 08 |
| Capítulo I - Avaliação da aprendizagem escolar no Brasil. | 10 |
| 1.1 - Contribuições aos Debates sobre Avaliação da Aprendizagem no Brasil. | 10 |
| Capítulo II – Avaliação: Olhando de Frente para a Escola e o Processo de Avaliação da Aprendizagem. | 15 |
| 2.1 - Avaliação no Contexto Escolar: Traçando Percursos e Entendendo os Novos Caminhos. | 15 |
| 2.2 - Avaliação Quantitativa: Quando Medir Significa o Final do Processo de Apropriação de Conhecimento. | 25 |
| 2.3 - Avaliação Qualitativa: Construindo Novos Caminhos. | 27 |
| 2.4 - A Concepção Diagnóstica: Assumindo os Problemas da Escola e da Aprendizagem. | 29 |
| 2.5- A Concepção Classificatória: Selecionando Talentos ou Excluindo Potencialidades na Escola. | 30 |
| 2. 6 - Concepção Dialógica ou Cidadã: Conhecimento aliado à experiência de cada sujeito escolar. | 31 |
| Capítulo III - A escola Antonio Gramsci: Avaliação e Conhecimento | 35 |
| 3.1 - Conhecendo a realidade: O processo de avaliação escolar na escola Antonio Gramsci. | 35 |
| 3.2 - Os Caminhos para a Avaliação da Aprendizagem na Escola Antonio Gramsci. | 55 |
| Considerações Finais | 61 |
| Referências bibliográficas | 70 |
| Anexos | 72 |

INTRODUÇÃO

Este trabalho surgiu da necessidade de analisar como vem se desenvolvendo o processo de avaliação da aprendizagem na Escola Municipal de Ensino Fundamental Antonio Gramsci, no município de Rondon do Pará.

Sou professora da 3ª séries do Ensino Fundamental e percebi após o diagnóstico que faço nas primeiras semanas de aula, descobri que de 80 a 90% dos alunos matriculados nesta série não estão aptos a cursá-la, a baixa escolarização dos alunos foi algo que me chamou a atenção.

Nesse sentido, resolvi desenvolver um estudo acerca da avaliação da aprendizagem para analisar os instrumentos e critérios que estão sendo utilizados e por que estes não vêm correspondendo às expectativas escolares e seus níveis de aprendizagem mostram na média daquilo que consideramos normal, ou seja, alunos aptos para a aprendizagem escolar.

Para desenvolver tal estudo utilizei como recurso metodológico: o estudo de caso. Dentro deste procedimento metodológico optei pela observação participante por ser aquela escola também uma realidade muito próxima da que atuo enquanto educadora. Além, de utilizar questionários com questões semi-estruturadas para dar aos entrevistados mais liberdade e privacidade, também realizei entrevistas com pais, alunos, professores e profissionais da escola. Além desses recursos metodológicos de pesquisa, fiz observações em turmas diferentes, fazendo também um debate teórico acerca da questão investigada, aprofundando esse conhecimento teórico acerca da

avaliação da aprendizagem com a realidade investigada, contrapondo, marcando as diferentes práticas de avaliação utilizadas pelos professores.

Desenvolvi meu trabalho e campo por mais ou menos 08 (oito) meses, em que tive a oportunidade de compartilhar muitos momentos de avaliação com professoras e alunos, momentos que iam me fazendo repensar minha própria atuação com meus alunos e esses impulsionaram a mudança da minha prática pedagógica.

Desta forma, organizei este trabalho em três capítulos subdivididos, para sistematizar melhor tudo aquilo que eu ia observado no dia-a-dia da escola pesquisada. No primeiro capítulo farei um histórico da avaliação da aprendizagem no Brasil, já no segundo capítulo preocupo-me em analisar as concepções sobre avaliação e a implicações desses modelos na prática pedagógica dos professores.

No terceiro capítulo descrevo e discuto a avaliação na escola Antonio Gramsci, em Rondon do Pará. Apresento análise de vários autores contemporâneos e vou fazendo as reflexões sobre as impressões dos alunos, professores, sobre avaliação.

Nas considerações finais faço algumas reflexões sobre a questão da avaliação, a forma como estou hoje percebendo as questões relacionadas à avaliação e as contribuições que posso dar futuramente neste campo de debate tão complexo.

Acredito que este trabalho possa vir a contribuir para que haja uma reflexão da prática pedagógica dos professores e uma conseqüente mudança de prática educativa desses sujeitos.

CAPÍTULO 1

AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM ESCOLAR NO BRASIL

1.1 - Contribuições aos Debates sobre Avaliação da Aprendizagem no Brasil.

No Brasil, a avaliação do currículo segue o caminho da produção norte-americana. A influência do enfoque avaliativo sistematizado por Ralph W. Tyler e Smith, conhecido como "avaliação por objetivos", cujos objetivos visados traduziam mudanças desejáveis no comportamento dos alunos e os testes verificavam o grau em que essas mudanças comportamentais estavam ocorrendo, uma vez que a educação pretendia mudança de comportamento, assumindo controle de planejamento parecido com o que ocorria no processo de produção industrial. Esse tipo de avaliação recebeu críticas por ser inflexível e limitado, deixando para segundo plano aspectos importantes do processo de ensino-aprendizagem.

O enfoque avaliativo sistematizado por Ralph W. Tyler e Smith chegaram ao Brasil com a defasagem de algumas décadas, através de professores que fizeram cursos nos Estados Unidos e também através de acordos internacionais. O modelo avaliativo de Ralph Tyler continua sendo veiculado em nosso país através da tradução das suas obras. Dentre outros autores brasileiros que seguiram a "escola" de Tyler através de publicações estão Dalila Sperb, Marina Couto, Lady Tina Traldi, Victor H. Noll, Ethel Bauzer Medeiros e Benjamim Bloom, sendo este, o mais conhecido.

Timidamente a partir de 1978 tentava-se romper as correntes e progredir rumo às propostas de avaliação numa abordagem qualitativa, a qual surgiu nos Estados Unidos.

As primeiras discussões sobre essa abordagem surgiram num artigo de Marli André e logo depois em um livro organizado por Rosimary Missick e outros autores em 1980.

Surgem textos de vários autores brasileiros criticando a abordagem quantitativa:

"Escrevi, então, uma série de textos, aos quais dei o nome de equívocos teóricos na prática educacional. Entre eles, aquele intitulado "Avaliação: otimização do autoritarismo", tratava dos diversos equívocos teóricos exercidos na prática educativa; aí tive oportunidade de abordar o equívoco em relação à avaliação da aprendizagem escolar, especialmente em função do viés de autoritarismo que mescla e direciona essa prática. Discuti, então, como a avaliação da aprendizagem se manifestava como um lugar de práticas autoritárias na relação pedagógica traduzindo um modelo de sociedade." (LUCKESI, 2002:10)

A partir daí, pesquisadores brasileiros começam a se preocupar em discutir a abordagem qualitativa da avaliação, essa preocupação se concretiza em alguns movimentos como seminários, palestras, etc.

Vários trabalhos foram desenvolvidos na busca da melhoria do processo de ensino-aprendizagem, a partir dos anos 80, vários autores aprofundaram as pesquisas sobre avaliação da aprendizagem com o objetivo de minimizar o fracasso escolar, gerado pelos altos índices de evasão e repetência, mas apesar das tentativas de mudanças, do surgimento de várias concepções de avaliação, percebo que a avaliação da aprendizagem escolar continua a serviço da pedagogia dominante.

Sabe-se que a escola se organizou historicamente sobre uma prática monoculturalista¹, por meio da transmissão de saberes que, embora com pretensão de universalidade convertida em referência, se fez desigual e seletiva, produzindo o fracasso das camadas populares. A escola excluiu e rejeitou o conhecimento desses

grupos ignorando-os como portadores de autonomia simbólica. Enxergou-os, apenas como desvios e falhas em relação à cultura dominante e adotou práticas que produziram o fracasso escolar, principal produto da escola brasileira. Esse contexto de reflexões explicita a necessidade de se educar as crianças e os jovens com base em objetivos concretos e claros de cidadania, não mais sobre bases de direitos formais abstratos, mas na perspectiva de práticas cotidianas, ampliando-se, assim, o conceito do educativo como uma luta pela vida pública democrática e pela cidadania crítica. Isso exige um forte redimensionamento das práticas de avaliação educacional porque propõe o redimensionamento dos referenciais até então tomados como pontos de partida para as reflexões, interpretações e tomadas de decisões pedagógicas.

Essas discussões levam a questionar os processos de avaliação da aprendizagem dos alunos, centrados num desempenho cognitivo, sem referência a um projeto pedagógico escolar, e, especialmente, questionar os sentidos das avaliações direcionadas para o ato de aprovar ou reprovar esses alunos.

Apesar das discussões acerca da avaliação da aprendizagem e das literaturas escritas por vários autores na tentativa de melhorar a qualidade da educação brasileira ainda não se conseguiu chegar a um consenso sobre que concepção de avaliação deve se utilizar no processo de ensino-aprendizagem de nossos alunos.

No Brasil tem-se discutido bastante a avaliação da aprendizagem escolar. Vários estudiosos vêm apontando caminhos para que se consiga obter resultados positivos e melhorar a qualidade da educação brasileira. Infelizmente de acordo com a SAEB

¹ Atualmente estamos em um processo de retomada desse modelo eurocêntrico com a mundialização de um único padrão de cultura, ocidental, branca, capitalista heterossexual e monogâmica, vitoriosa e especialmente vencedora da seletividade capitalista.

(Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica) a melhoria da qualidade da educação não vem se efetivando, pois os resultados obtidos nos revelam que a qualidade da educação brasileira está abaixo da qualidade da educação de países mais pobres que o Brasil. A diferença dos resultados obtidos nas regiões mais favorecidas geográfica e politicamente, é quase insignificante em relação às regiões menos favorecidas, mostrando que de uma forma geral a educação do país vem apresentando baixa qualidade.

Sabe-se que o sistema de avaliação escolar de acordo com atual LDB 9394/96 a que fala sobre a avaliação da aprendizagem escolar, orienta que a verificação do rendimento escolar será feita através de avaliação contínua e cumulativa do desempenho do aluno, com prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos e dos resultados ao longo do período sobre as eventuais "provas finais", ou seja, de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional a avaliação deve ser feita durante o processo de ensino-aprendizagem e não só no final de uma etapa ou unidade, além disso, necessita que se valorize o desenvolvimento do aluno em todos os aspectos e não só no cognitivo. Finalmente, o aluno deverá ser avaliado com quatro notas, sendo uma em cada bimestre, às quais são atribuídos pesos dois, três, dois e três (1ª X 2, 2ª X 3, 3ª X 2 e a 4ª X 3), para calcular a média de aprovação. O aluno será aprovado caso obtenha no mínimo a média ponderada, cinco nas disciplinas e ainda, um mínimo de 75% de frequência anual, aqui me refiro às médias aceitas no estado do Pará, em relação ao restante do país, alguns adotam a média 7, como é o caso do estado do Maranhão².

² Não foi possível obter informações sobre outros estados.

Têm sido adotadas no Brasil várias concepções avaliativas sobre as quais já tivemos a oportunidade de discutir anteriormente, apesar disso, a maioria dos professores continua utilizando a avaliação numa concepção quantitativa. No estado do Pará, não é diferente, constantemente estão sendo oferecidas palestras e mini-cursos sobre avaliação da aprendizagem com o objetivo de conscientizar os professores no sentido de melhorar a qualidade da educação.

No próximo capítulo discutirei com mais profundidade as concepções de avaliação e suas implicações na realidade escolar.

CAPÍTULO II

AVALIAÇÃO: OLHANDO DE FRENTE PARA A ESCOLA E O PROCESSO DE AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM

2.1 - Avaliação no Contexto Escolar: Traçando Percursos e Entendendo os Novos Caminhos.

Na educação escolar brasileira há muito pouco tempo vem se discutindo mais profundamente questões relacionadas a avaliação da aprendizagem, já que tradicionalmente no processo escolar se considerou a avaliação como atividade final para verificação do desempenho e alcance de objetivos estabelecidos nos sistemas de ensino ou até mesmo pelo padrão de comportamento da sociedade. Daí a grande dificuldade de professores, pais e alunos têm em considerar a avaliação um processo contínuo e sistemático na busca da aprendizagem efetiva.

O modelo de avaliação cristalizado dentro do contexto escolar para a verificação da aprendizagem, sempre esteve ligada à idéia de medir o conhecimento. E hoje, mesmo com inúmeras crises paradigmáticas e mudanças na educação, em especial brasileira, acompanhada do avanço tecnológico e comunicacional no mundo, o modelo de

avaliação pouco mudou em relação aos exames realizados pela que denominamos de escola tradicional³.

De acordo com Saul (1988), "a avaliação da aprendizagem do aluno tem sido objeto de análise de alguns estudiosos da avaliação". A preocupação com a avaliação da aprendizagem como medida de rendimento escolar tem sua origem no início do século passado, através de testes desenvolvidos por Roberto Thomdike nos Estados Unidos, local onde os testes de caráter psico-pedagógico padronizados, cresceram em grande escala nas duas primeiras décadas.

No Brasil, por exemplo, a teoria da avaliação educacional sofreu uma grande influência dos estudos norte-americanos. A partir dos anos 60 principalmente, foi muito ampla a divulgação da proposta de Ralph Tyler conhecida como "avaliação por objetivos", a qual se tornou referencial teórico básico nos cursos de formação de professores, causando grande repercussão nos meios educacionais. No enfoque avaliativo desse teórico, "a avaliação é o processo destinado a verificar o grau em que mudanças comportamentais estão ocorrendo (...) A avaliação deve julgar o comportamento dos alunos, pois o que se pretende em educação é justamente modificar tais comportamentos". (TYLER, 1949:106).

Como se pode perceber, o enfoque deste teórico é comportamentalista (visa a mudança de comportamento) e resume o processo avaliativo à verificação das mudanças ocorridas, previamente delineadas em objetivos definidos pelo professor.

³ O Modelo de avaliação tradicional perpassa pelo prêmio e castigo, uma forma dolorosa para os alunos aprenderem de fato o conhecimento.

Saul (1995) desenvolveu uma análise mais aprofundada da evolução dessa teoria em direção a enfoques de julgamento de mérito dos programas educacionais, dimensões filosóficas e antropológica da avaliação, de reflexão e tomada de decisão sobre fenômenos educacionais. Entretanto, conforme seus estudos revelam pouco ou nada se evoluiu em relação ao enfoque de Tyler no que se refere à avaliação da aprendizagem: *"Em que pese o questionamento levantado quanto aos pressupostos da proposta de avaliação de Tyler, o fato é que ela constitui o "superego" de professores e administradores que, mal ou bem a utilizam"* (SAUL, 1988, p. 52).

Na escola, observa-se uma prática avaliativa que compreende, no início do processo, o estabelecimento de objetivos pelo professor (na maioria das vezes relacionados estreitamente a itens do conteúdo programático) e a determinados intervalos, a verificação através de testes, do alcance desses objetivos pelos alunos. Quando inserida no cotidiano, a ação avaliativa restringe-se à correção de tarefas diárias dos alunos e registro de resultados. Assim, quando se discute avaliação, discute-se, de fato, instrumentos de verificação e critérios de análise de desempenho dos alunos ao final do chamado tempo de aprendizagem.

Alguns pesquisadores da área educacional, entre os quais se destacam Piaget, Paulo Freire, José Eustáquio Romão, Moacir Gadotti, Cipriano Luckesi, Ana Maria Saul, Jussara Roffmann, entre outros, revelam sua preocupação com os pressupostos da avaliação da aprendizagem.

(...) Nossa prática educativa escolar passou a ser direcionada por uma "pedagogia do exame". O mais visível e explícito exemplo dessa pedagogia está na prática de ensino do terceiro ano do 2º grau, em que todas as atividades docentes e discentes estão voltadas para um treinamento de "resolver provas", tendo em vista a preparação para o vestibular, como porta (socialmente apertada) de entrada para a universidade (...) (LUCKESI, 2002:17)

Se de um lado os especialistas em educação, professores, pais e alunos têm suas atenções centradas na promoção dos educandos de uma série para outra. Do outro o sistema de ensino está interessado nos percentuais de aprovação/reprovação, não importa que haja ou não aprendizagem, os pais desejam que seus filhos avancem nas séries de escolaridade, os professores utilizam a avaliação como "arma" para moldar o comportamento de seus alunos. Os alunos têm sua atenção centrada na promoção. Eles se interessam apenas em saber como se dará a promoção no final do período escolar, procurando saber as normas e o modo pelo qual as notas serão obtidas, sem se preocupar com a aprendizagem, afinal o que predomina é a nota, não importa como ela foi obtida ou por quais caminhos é manipulada, quando na verdade, o que deveria realmente ser importante era o processo de ensino-aprendizagem.

Quando o professor percebe que não está conseguindo desempenhar sua *função pedagógica*, cumprir as metas estabelecidas pelas convenções meritocráticas do sistema de ensino tradicional, pois seu trabalho não está surtindo efeito, ou seja, não está havendo aprendizagem, ele torna-se agressivo e nervoso, pois não consegue manter sua turma "sob controle" e joga nos alunos a culpa de seu fracasso, fazendo ameaças, utilizando a avaliação como instrumento punitivo, como por exemplo: a prova, utilizando-a como algo extremamente negativo.

A maioria dos pais não se envolve no processo de aprendizagem dos filhos, até porque, não existe um trabalho na escola voltado para conscientizá-los da importância da educação e da necessidade que seus filhos têm do auxílio em casa. Os professores não utilizam as reuniões para tentar conscientizá-los da necessidade de sua colaboração.

as reuniões são feitas para reclamar da falta de disciplina, entregar boletins, etc., nunca discutem o processo educativo para além do cumprimento do que convencionalmente tem sido estabelecido pelo modelo de educação escolar. Além disso, a partir do momento em que o filho atinge uma nota *alta*, ou seja aquela exigida para ser aprovado, promovido para a série seguinte, o pai acha que não há necessidade para se preocupar em conversar com o professor, pois de acordo com ele, se o filho tirou boas notas é por que sabe a matéria, nem lhe ocorre que ele pode ter atingido a tal nota "colando" do colega, ou que a nota muitas vezes está distante do conhecimento de fato apreendido por aquele aluno.

Para completar esse quadro, os encontros são realizados com todos os pais ao mesmo tempo, tirando a oportunidade de que seja feita uma discussão sobre o desenvolvimento individual de cada aluno, quando ocorre uma conversa com os pais é sempre para fazer queixa do aluno, dizer aquilo que ele não é capaz de fazer, ou seja, aquilo que *ele não sabe*. Isso provoca nos pais um sentimento de distancia em relação a escola, assim afasta-se a possibilidade de construir um parceria entre a família e a escola.

O sistema de burocrático de ensino está atento aos resultados gerais da aprovação e reprovação dos alunos, aos dados estatísticos, ou seja, o que importa não é a aprendizagem em si, mas os resultados numéricos apresentados. É notável que terminamos agindo de acordo com o sistema de ensino, pois o sistema de exames que utilizamos manipula a todos os envolvidos no processo de ensino-aprendizagem.

De um modo geral, o professor tende a valorizar só o lado quantitativo da avaliação, esquecendo que a quantidade precisa estar acompanhada da qualidade, e que

o aluno pode muito bem atingir uma "nota alta", buscando outros meios, sem que haja de fato a aprendizagem. Enquanto outro que não consegue atingir uma nota suficiente, pode muito bem ter adquirido os conhecimentos necessários, mas por quaisquer que sejam os motivos, naquele momento ele não conseguiu se sair bem na prova.

Se utilizarmos a avaliação apenas com a intenção de medir conhecimentos, nos condicionamos aos seus resultados finais, sem considerar as condições em que se encontra a turma, pois sabemos que não existe turma homogênea e que devemos estar atentos para perceber as diferenças no ritmo de aprendizagem de cada aluno. Desta forma concordo que *"Respeitar as diferenças entre os alunos é uma tarefa que exige sobretudo sensibilidade, humanidade e cooperação entre os professores."* (ROFFMANN, 1998:18)

Esta busca de uma padronização em avaliação cria os preconceitos que bloqueiam a visão de um processo avaliativo emancipatório, sem apropriação constante do prêmio ou castigo a quem não atinge as metas impostas pela lógica do processo de seletividade da escola dentro do contexto capitalista. O autoritarismo e a arbitrariedade dentro do processo avaliativo originam-se muitas vezes, na busca de um padrão uniforme, através da definição de critérios comparativos e ao mesmo tempo seletivo e excludente. Se somos diferentes uns dos outros não podemos ter nosso desenvolvimento cognitivo, emocional e intelectual, assim não podemos ter como parâmetro o desenvolvimento do outro ou um determinado padrão de desenvolvimento e aprendizagem, até porque, deveríamos passar por um processo de avaliação em que o nível cognitivo em que nos encontrávamos na série fosse considerado importante e como parâmetro para o nosso desenvolvimento pessoal e coletivo e não sermos

comparados com os outros. Para Jussara: *"Persegue-se incansavelmente "o igual" na escola, e todas as diferenças são obstáculos impeditivos de aprendizagem: os alunos agitados ou muito quietos, os alunos pobres, doentes, de idades diversas, com talentos inesperados, com deficiências físicas, ou mentais, que falam outro língua (...)"* (ROFFMAN, 1998:19).

Da forma em que se convencionaram os paradigmas no campo educativo, percebe-se que o olhar do professor procura por desvios ao padrão determinado, que poucos sobrevivem à *fúria avassaladora* da comparação, resultando na perversidade de uma escola seletiva e excludente incapaz de valorizar a individualidade, experiência história de vida de cada aluno, permitindo-lhe que cresça e se desenvolva plenamente sem sentimento de inferioridade ou superioridade em relação ao outro. Esse processo de avaliação termina muitas vezes por provocar a evasão desse aluno da unidade de ensino, pois o mesmo ao ver-se deixado de lado e até mesmo reprimido, termina por abandonar a escola, perdendo a oportunidade de adquirir conhecimentos que lhe permitiriam desenvolver-se e projetar-se econômica, social e culturalmente.

Muitas vezes, os professores elaboram suas provas, não pensando em auxiliar o aluno no processo de ensino-aprendizagem, mas para testar seu nível de conhecimento, elaborando provas para reprovar seus alunos, pois o nível da complexidade das questões elaboradas é sempre maior do que as que os alunos estão habituados a resolver em sala de aula, o uso de uma linguagem incompreensível para os alunos, faz com que a maioria fracassem.

A sociedade capitalista em que vivemos sob a hegemonia da pedagogia tradicional, vivemos mergulhados nos processos econômicos, sociais e políticos dos

valores burgueses, no meio da qual a pedagogia tradicional surgiu. A sociedade burguesa aperfeiçoou seus mecanismos de controle e seletividade escolar e no processo de formação da personalidade dos educandos, o medo é um mecanismo imprescindível numa sociedade excludente e conservadora como a nossa.

As provas e exames são realizados conforme o interesse do professor ou do sistema de ensino. A avaliação da aprendizagem escolar é praticada com total independência do processo de ensino-aprendizagem, pois como se pode explicar que se trabalhe durante dois meses com determinados conteúdos e no final, selecione-se alguns itens para avaliar se houve ou não aprendizagem, quando o ideal seria fazer uma avaliação diária e procurar desenvolver um ensino-aprendizagem capaz de atingir a todos os alunos. A avaliação tem sido usada como prova de resistência do aluno aos ataques do professor. No que diz respeito a aprovação, as notas são mais importantes que a relação professor-aluno, pois nesse momento, o professor não vê sujeitos de sua aprendizagem, o professor acha que o aluno só vai respeitá-lo se ele mostrar poder e por isso demonstra que é "durão" tentando manter-se à distância para não se envolver emocionalmente com seus alunos. O aluno por seu lado, está à procura de nota, precisa dela, não importa se está expressa ou não uma aprendizagem satisfatória, pois a reprovação implicaria em castigos, sejam morais ou físicos, os pais como não se acham responsáveis pelo processo de ensino-aprendizagem dos filhos, passam a humilhá-los, os colegas tendem fazer o mesmo e o professor como não se sente responsável pelo fracasso do aluno o acusa de desinteressado e passa a olhá-lo como um incapaz, sem possibilidade de "aprender".

O medo é um fator importante no processo de controle social. O estado, a igreja, a família e a escola utilizam-se dele constantemente para se manter no poder. O medo

gera uma submissão forçada e cria o hábito em crianças e jovens de viverem sob sua égide.

Hoje não se usa mais os castigos físicos, utiliza-se a violência simbólica, um olhar severo, ignorar o aluno como se ele não estivesse presente, etc. A ameaça é um castigo antecipado muito mais profundo que o castigo físico e a avaliação da aprendizagem tem exercido seu papel por meio de ameaças.

A pedagogia do exame sob a qual vivemos possui muitas conseqüências:

“Pedagogicamente – ela centraliza a atenção nos exames: não auxilia a aprendizagem dos estudantes. A função verdadeira da avaliação da aprendizagem, seria auxiliar a construção da aprendizagem satisfatória; porém, como ela está centralizada nas provas e exames, secundariza o significado do ensino e da aprendizagem como atividades significativas em si mesmas e superestima os exames. Ou seja, pedagogicamente a avaliação da aprendizagem, na medida em que estiver polarizada pelos exames, não cumprirá a função de subsidiar a decisão da melhoria da aprendizagem.

Psicologicamente – é útil para desenvolver personalidades submissas. O fetiche, pelo seu lado não transparente, inviabiliza tomar a realidade como limite da compreensão e das decisões da pessoa. A sociedade, por intermédio do sistema de ensino e dos professores, desenvolve formas de ser da personalidade dos educandos que se conformam com os ditames. A avaliação da aprendizagem utilizada de modo fetichizado é útil ao desenvolvimento da autocensura. De todos os tipos de controle, o autocontrole é a forma como os padrões externos cerceiam os sujeitos, sem que a coerção externa continue a ser exercida. O autocontrole psicológico, talvez, seja a pior, forma de controle, desde que o sujeito é presa de si mesmo. A internalização de padrões de conduta poderá ser positiva ou negativa para o sujeito (...)

Sociologicamente – a avaliação da aprendizagem, utilizada de forma fetichizada, é bastante útil para os processos de seletividade social (...) A sociedade é articulada em classes e, portanto, de modo desigual; a avaliação da aprendizagem, então, pode ser posta, sem a menor dificuldade, a favor do processo de seletividade, desde que utilizada independentemente da construção da própria aprendizagem (...) (Luckesi, 2002:25, 26)

Como a seletividade social já está posta, a avaliação da forma como vem sendo feita, contribui com a mesma, pois está mais articulada com a reprovação do que com a aprovação, causando a exclusão social.

A avaliação da aprendizagem vem se desenvolvendo no interior das escolas através da subjetividade e intersubjetividade e da exclusão dos alunos. Assim, com práticas avaliativas periódicas, medimos o nível de aprendizagem dos educandos de

forma objetiva e punitiva, tirando o caráter processual da avaliação quando deveríamos através dela buscar o desenvolvimento e o crescimento do aluno, diagnosticando suas dificuldades para possível tomada de decisão, no sentido de melhorar a qualidade do ensino-aprendizagem.

A avaliação utilizada dessa forma autoritária e controladora apresenta-se como instrumento de classificação e seleção, contribuindo para a exclusão dos educandos.

Sabemos que no processo avaliativo desenvolvido nas escolas há uma verdadeira corrida com o objetivo unicamente de alcançar médias classificatórias, sem se preocupar com a aprendizagem e a construção do conhecimento do educando, o que vem a contradizer o que está previsto na lei a qual propõe que a avaliação se dê, no decorrer do processo de ensino-aprendizagem e, não ao término de uma etapa. Ainda há uma prevalência dos aspectos quantitativos sobre os qualitativos, quando a própria LDB 9394/96 afirma justamente o contrário no seu artigo 24, inciso V letra A, que: *a verificação do rendimento escolar será feita através de "avaliação contínua e cumulativa do desempenho do aluno, prevalência dos aspectos qualitativos e dos resultados ao longo do período sobre as eventuais provas finais"*.

Um grande número de educadores concorda que a construção do conhecimento pelo educando se dá de forma dinâmica e progressiva, não havendo início, meio ou fim nesse processo. Cada hipótese construída pelo aluno estará constantemente sendo refutada por ele, ampliada, complementada a partir de suas experiências de vida, do seu desenvolvimento geral das provocações intelectuais sofridas dentro e fora da escola. Daí porque o processo avaliativo não pode se dar por etapas, mas deve se desenvolver no decorrer do processo de ensino-aprendizagem.

Permanece muito forte nos meios educacionais, a busca por novas metodologias em avaliação, a expectativa por fórmulas, normas e critérios, que magicamente, contribuam para uma ação diferenciada do professor. A distância entre o discurso e a prática é muito forte em avaliação. Professores criticam, por vezes, os mesmos procedimentos que desenvolvem em sala de aula com seus alunos (...) (ROEMANN, 1998:37)

Muitos professores concordam com essas afirmações, mas eles não chegam a desenvolver um processo avaliativo que respeite tal dinamicidade do processo de aquisição construção do conhecimento.

2.2 - Avaliação Quantitativa: Quando Medir Significa o Final do Processo de Apropriação de Conhecimento.

Algumas pesquisas⁴ no campo educacional têm revelado a preocupação de estudiosos da educação brasileira com a avaliação da aprendizagem escolar e seu papel como instrumento de controle, poder e seletividade, a serviço da reprodução da estrutura social. A realidade do fracasso escolar gerado pelos altos índices de evasão e repetência, antes enfocada como um problema individual dos aprendizes, tem sido apontada como grave problema que não pode ser ignorado por aqueles que se ocupam e estudam a educação no país. Segundo VILLAS BOAS:

“A avaliação escolar como campo de conhecimento centrou-se, por muito tempo, nos estudos sobre o rendimento escolar dos alunos e nos resultados dos processos de aprendizagem. Originou-se daí a concepção predominante de avaliação escolar como um processo de

⁴ Ver LUCKESI, Cipriano Carlos. Avaliação da Aprendizagem Escolar: Estudos e Proposições. 14ª edição. São Paulo: Cortez, 2002.

medida do desempenho em face de objetivos educacionais prévios, numa perspectiva técnica, com ênfase na representação quantitativa do conhecimento adquirido por meio de notas e conceitos." (2002:14)

Associada a essa concepção de avaliação está a própria concepção de escola com o papel fundamental de transmitir o saber escolar. A escola assim o faz, organizando-se conforme uma racionalidade específica, numa lógica de divisão e distribuição de tempos e espaços, articulados em uma determinada seqüência que exige avaliações periódicas, para a verificação do processo de assimilação do conhecimento adquirido pelo aluno. A avaliação formal entra em cena como mecanismo de controle da permanência ou não do aluno na instituição escolar, legitimando os processos de diferenciação, hierarquização e de controle social por meio da escola.

De acordo com Saul (1995), a abordagem quantitativa da avaliação está arraigada pelos pressupostos éticos, epistemológicos e metodológicos que expressam forte influência positivista. Para Saul essa abordagem: *"Defende o princípio de objetividade na avaliação: o método é hipotético-dedutivo, próprio das ciências naturais e tradicionalmente utilizado pela psicologia experimental; a ênfase maior da avaliação está quase que totalmente nos produtos dos resultados."* (1993:42).

Esse modelo de avaliação tem como preocupação única, a comprovação do grau em que os objetivos previamente estabelecidos foram alcançados e também tem um caráter burocrático por ser um modelo tecnicista.

Esta é a forma de, pela avaliação, traduzir o modelo liberal conservador da sociedade. Apesar de a lei garantir igualdade para todos, no concreto histórico encontram-se os meios para garantir as diferenças individuais do ponto de vista da sociedade. Os mais aptos, socialmente permanecem na situação de mais aptos, e os

menos aptos. do mesmo ponto de vista. permanecem menos aptos. Ou seja, o ritual pedagógico não propicia nenhuma modificação na distribuição social das pessoas, e, assim sendo, não auxilia na transformação social.

2.3 - Avaliação Qualitativa: Construindo Novos Caminhos:

Surge nos Estados Unidos em reação à abordagem quantitativa, uma nova proposta de avaliação com enfoques alternativos, e com pressupostos éticos, teóricos e epistemológicos diferentes. A essa nova perspectiva, chamou-se de avaliação qualitativa. Que tem como base as seguintes características: "A objetividade na ciência e na avaliação é sempre relativa e não pode ser considerada como objetivo central; é um empreendimento humano, intencional e tentativo, sujeito a limitações e erros; nem a educação; nem a avaliação podem ser compreendidas como processos tecnicistas desligados de valores." (Saul, 1993:46 e 47)

A avaliação qualitativa tem como objetivo compreender o educando como sujeito de sua aprendizagem, favorecendo o desenvolvimento de sua autonomia. Através da avaliação qualitativa o professor receberá as informações que lhe possibilite fazer as intervenções necessárias para que se dê uma aprendizagem integral, mas para que isso ocorra é necessário que haja um verdadeiro compromisso do professor com a aprendizagem de todos os seus alunos.

Jussara Rofmann (1995) aponta alguns princípios para uma avaliação mediadora:

"Oportunizar aos alunos muitos momentos de expressar suas idéias; oportunizar discursos entre os alunos a partir de situações desencadeadoras; realizar várias tarefas

individuais menores e sucessivas, investigando teoricamente, procurando entender razões para as respostas apresentadas pelo educando; ao invés de certo ou errado e da pontuação tradicional, fazer comentários sobre as tarefas dos alunos, auxiliando-os a localizar as dificuldades, oferecendo-lhes a oportunidade de descobrir melhores situações; transformar os registros de avaliação em anotações significativas sobre o acompanhamento dos alunos em seu processo de construção do conhecimento.” (ROFFMANN, 1995)

Nesse sentido, percebo a necessidade da intervenção do professor criando situações de aprendizagem, colocando-se como mediador entre o aluno e conhecimento.

Jussara Roffmann (1995), chama atenção para o que considera um erro construtivo, embora tenha clareza de que nem todos os erros cometidos pelas crianças podem ser denominados de erro construtivo. Afirma que “os erros construtivos caracterizam-se por uma perspectiva lógico-matemática”. (ROFFMANN, 1995:79) São momentos pelos quais as crianças passam e necessitam vivê-los, para poder chegar a organizações mais evoluídas.

Acredito que, nesse momento seja necessário a intervenção do professor para criar situações que tenham por objetivo a percepção do aluno em relação às contradições existentes em suas hipóteses, auxiliando na superação de tais hipóteses, já que elas são construídas e generalizadas de início, mas logo vão sendo reformuladas pelo aluno, a partir da observação do fenômeno em suas relações, semelhanças e diferenças.

“Tanto o “sucesso/insucesso” como o “acerto/erro” podem ser utilizados como fonte de virtude em geral e como fonte de “virtude” na aprendizagem escolar. No caso da solução bem ou mal sucedida de uma busca, seja ela de investigação científica ou de solução prática de alguma necessidade, o “não-sucesso” é, em primeiro lugar, um indicador de que ainda não se chegou à solução necessária” (...) (LUCKESI, 2002:56)

Luckesi continua falando dos erros da aprendizagem, que emergem a partir de um padrão de conduta cognitivo ou prático já estabelecido pela ciência ou pela tecnologia, servem positivamente de ponto de partida para o avanço, na medida em que são identificados e compreendidos: e sua compreensão é o passo fundamental para sua superação.

"Há que se observar que, o erro, como manifestação de uma conduta não-aprendida, decorre do fato de que há um padrão já produzido e ordenado que dá a direção do avanço da aprendizagem do aluno e, a compreensão do desvio, possibilitando sua correção inteligente. Isso significa a aquisição consciente e elaborada de uma conduta ou de uma habilidade, bem como um passo à frente na aprendizagem e no desenvolvimento (...)" (LUCKESI, 2002:57)

Diante disso, *o erro*, para ser utilizado como fonte de virtude ou de crescimento necessita de efetiva verificação, para ver se estamos diante dele ou da valorização preconceituosa de um fato, necessita também de esforço no sentido de compreender o erro quanto à sua constituição.

2.4 - A Concepção Classificatória: Selecionando Talentos ou Excluindo Potencialidades na Escola.

A avaliação classificatória é um processo de atribuição de símbolos. Desta forma o ato de avaliar não serve como pausa para repensar a prática pedagógica e depois retornar a ela, ou seja, o julgamento de valor que teria a função de possibilitar uma nova tomada de decisão sobre o objeto avaliado, passa a ter a função estática de classificar um objeto ou um ser humano histórico num padrão definitivamente determinado.

A avaliação classificatória apresenta as seguintes características:

a) Destaca a importância das medidas de aspectos qualificáveis, recusando, na maioria das vezes as descrições qualitativas, a qual apresenta subjetividade da autenticidade da expressão do desempenho:

b) Considera a importância da periodicidade do processo avaliativo e do registro de seus resultados, especialmente no final do processo, em se tratando da avaliação da aprendizagem, ao final de uma aula, uma unidade, uma etapa, etc.:

c) Por ter a função classificatória, a avaliação deve apresentar em forma de padrões socialmente aceitáveis:

d) Tem por prioridade o produto, o resultado do desempenho do aluno em relação ao conhecimento, habilidades e posturas:

e) Prioridade ao tratamento técnico e estatístico dos resultados.

2.5 - A Concepção diagnóstica: Assumindo os Problemas da Escola e da Aprendizagem.

Utilizada numa concepção diagnóstica, a avaliação da aprendizagem tem a função de interpretar os resultados na tentativa de encontrar as falhas do processo de ensino-aprendizagem para fazer as intervenções necessárias para se atingir o objetivo maior da educação, que é atender da melhor forma possível, a todos os educandos, permitindo que verdadeiramente haja um desenvolvimento integral do ser humano.

Vejamos algumas características da avaliação numa concepção diagnóstica:

a) Apenas a auto-avaliação é legítima:

b) Deve ter sempre a finalidade de diagnosticar, fazendo o levantamento das dificuldades dos educandos, tendo em vista a correção de rumos e a reformulação de procedimentos didático-pedagógicos:

c) quando permite fazer comparações, o faz em relação a dois momentos diferentes do desempenho do mesmo aluno:

d) Vê a avaliação como um processo contínuo e paralelo ao processo de ensino-aprendizagem.

2. 6 - Concepção Dialógica ou Cidadã: Conhecimento aliado a experiência de cada sujeito escolar

Para que a avaliação educacional assuma o papel de instrumento dialético para o crescimento do sujeito terá que situar-se a estar a serviço de uma pedagogia que esteja preocupada com a transformação social, deixando de ser autoritária e arbitrária, possibilitando o crescimento do educando.

A concepção dialógica ou cidadã tem, dentre outras, as seguintes características:

- a) Tem três funções: prognóstica, diagnóstica e classificatória:
- b) A avaliação "auto", "interna", "diagnóstica", "qualitativa", referenciada em códigos locais e sociais, respeita os ritmos e condições individuais, respeita a história de vida do educando:
- c) O essencial é a forma de construção das escalas de valores com as quais serão comparados o desempenho dos alunos:
- d) A avaliação deixa de ser um processo de cobrança para se transformar em mais um momento de aprendizagem:
- e) Leva em consideração que não há mudança sem a consciência de permanência, não há processo de estruturação-desestruturação-reestruturação sem domínio teórico das estruturas; a reflexão exige "fixidade" provisória para se desenvolver; não há percepção dinâmica sem consciência crítica da estática; o desejado e a utopia só começam a ser construídos a partir da apreensão crítica do domínio existente, o processo não pode desconhecer o produto para não condenar seus protagonistas ao ativismo sem fim;
- f) Na avaliação cidadã, a prioridade é dada ao verdadeiro planejamento das atividades a serem desenvolvidas.

Na avaliação com a concepção dialógica, podemos perceber os seguintes passos necessários:

- a) Identificar que aspectos serão avaliados:
- b) Negociar e estabelecer padrões:
- c) Construir os instrumentos de medida e avaliação:
- d) Aplicar os procedimentos de avaliação:
- e) Analisar os resultados das avaliações, para tomada de decisão quanto aos passos seguintes no processo de ensino-aprendizagem.

O que ocorre nas escolas faz prevalecer apenas os pontos quantitativos em detrimento do qualitativo e transforma a avaliação em uma "arma" como controle do silêncio, disciplina e atenção. Percebe-se um afastamento das funções da avaliação, em relevância da função administrativa que só exige uma nota final. Valorizam-se os papéis, os registros, os procedimentos e não o processo de incentivo à melhoria da aprendizagem. A maior preocupação refere-se às notas, sem interpretá-las para indicar as intervenções necessárias para a melhoria nos procedimentos didáticos e uma eventual reflexão sobre a própria avaliação.

Registrou-se nos Estados Unidos o aparecimento de outros focos de atenção aos estudos avaliativos. São os projetos de desenvolvimento de ensino e currículo direcionados para alunos e professores, contendo uma seqüência, ordenada de atividades de aprendizagem e ensino.

sujeito, enquanto outros buscaram justificar a meritocracia acadêmica para que pudessem continuar com os antigos modelos.

Desta forma, as mudanças que tanto esperávamos no processo educativo escolar estão ainda um tanto distante de nossas práticas cotidianas, para compreendermos melhor essas influências na prática escolar atual, no próximo capítulo deter-me-ei em fazer uma análise da avaliação da aprendizagem escolar a partir da minha pesquisa de campo no município de Rondon do Pará, na escola Antonio Gramsci⁵ e suas implicações nas salas de aulas.

⁵ Nome fictício da escola.

CAPÍTULO III

A ESCOLA ANTONIO GRAMSCI: AVALIAÇÃO E CONHECIMENTO

3.1 - Conhecendo a realidade: O processo de avaliação escolar na escola Antonio Gramsci

No período de 16 de fevereiro a 25 de agosto de 2004, estive na Escola Municipal de Ensino Fundamental Antonio Gramsci, local onde desenvolvi minha pesquisa de campo. Nesse período desenvolvi como metodologia de pesquisa a observação participante, vivenciando o cotidiano escolar, pude mergulhar naquela realidade e compreender a dinâmica do processo de avaliação ali desenvolvido.

A escola escolhida situa-se no bairro Marechal Deodoro⁶, foi inaugurada em dezembro de 1996 e começou a funcionar em fevereiro de 1997, o número total de matrículas foi de 890.

A proposta inicial era de se construir uma creche, com berçário para atender a população do bairro, mas a população exigia que fosse construída ali uma escola e não uma creche, pois devido ao crescimento do bairro ali já se fazia necessário a criação de uma escola.

O prefeito do município resolveu então transformar a creche em escola atendendo ao anseio da população.

O terreno com aproximadamente 200 metros quadrados, a escola foi construída em aproximadamente a metade do terreno, o restante do terreno serve como área de

⁶ Nome fictício do Bairro.

recreação para os alunos (onde pretende se construir uma quadra esportiva). O terreno é plano, e cercado por um muro de 2,00 m de altura.

O acesso às dependências da escola é feito através de um portão médio e um portão pequeno. O prédio é térreo, e dividido em quatro blocos. No primeiro fica a secretaria que serve também a coordenação e a diretoria, dois banheiros para uso dos funcionários, a sala dos professores e uma sala de aula. No segundo bloco ficam quatro salas de aula, no terceiro três salas de aula e uma sala de informática (que ainda não está funcionando). No quarto bloco ficam quatro salas de aula (o que fora a creche-berçário anteriormente), a cozinha com um depósito de alimentos, um depósito de material pedagógico e material de limpeza. As oito primeiras salas são bem amplas e estão aptas a atender a clientela a que se propõe (35 a 40 alunos) a sala de informática também é apropriada para sua função, as últimas quatro salas são pequenas (cada sala atende a 25 alunos) tem quatro banheiros para uso dos alunos (dois femininos e dois masculinos).

Observei que a escola é muito organizada e limpa, o piso é de cerâmica, todas as salas são muito bem iluminadas e as oito primeiras salas são bem arejadas, enquanto as quatro últimas são bastante quentes.

No período de observação, tive a oportunidade de conversar com alguns professores, alunos, pais de alunos, a diretora e a coordenadora da escola sobre a avaliação da aprendizagem. No discurso dos professores eles reconhecem as falhas e deficiências do sistema avaliativo na abordagem quantitativa, conhecida como tradicional, mas afirmam que o sistema educacional exige resultados quantitativos e que diante dessa situação de instabilidade e falta de estrutura familiar, as avaliações constituem-se no único objeto de controle sobre os alunos.

Em termos de material didático temos um armário com inúmeras coleções de livros de histórias infantis, diversos jogos educativos, blocos lógicos, figuras geométricas, material dourado, ábaco, alfabeto, etc., têm também uma televisão, um vídeo cassete, uma antena parabólica e várias fitas de vídeo.

A escola funciona em três turnos, no turno matutino atende alunos de 1ª e 2ª séries e uma sala de aceleração (que atende alunos com distorção idade série) no turno vespertino atende alunos de 2ª, 3ª e 4ª séries e também a aceleração, no noturno atende a EJA e alguns projetos como "Recomeçar" e "Alfabetização Solidária".

A escola mantém um quadro de 29 professores, sendo dezenove efetivos e dez contratados, uma secretária, quatro auxiliares de secretaria, uma coordenadora, a diretora, onze serventes e dois vigias.

A pesquisa foi desenvolvida em duas turmas de 3ª série, uma de 4ª e uma de 2ª série, as professoras das turmas pesquisadas, duas já trabalham com o Ensino Fundamental menor há mais de oito anos.

A professora da 3ª série "A" trabalha há apenas dois anos, ela é recém-formada no Curso de Magistério, tem 22 anos, pertence à classe média e ainda não conseguiu se adaptar a trabalhar com crianças de periferia.

A professora da 3ª série "B" tem 36 anos, é casada, tem dois filhos, tem curso de Educação Básica, também pertence à classe média, de acordo com ela, ama seu trabalho e se dedica aos seus alunos como se fossem seus filhos, percebi que os alunos a adoram.

A professora da 4ª série é pedagoga, tem 39 anos, é solteira, pertence à classe média, é bastante criativa, mas um pouco arrogante.

A professora da 2ª série só tem o magisterio, pertence a classe média baixa, é recém formada, esta é sua primeira turma, é solteira, tem 19 anos, é bastante criativa, muito dedicada ao trabalho e carinhosa com seus alunos.

As quatro professoras são bastante organizadas e cuidam muito bem de seu material de trabalho.

Foram escolhidos em cada turma quatro pais de alunos para responderem ao questionário da pesquisa. Desses pais, oito não me mandaram os questionários de volta, quatro devolveram sem responder e quatro responderam a todas as perguntas.

O pai nº 01 tem 42 anos, é mecânico, casado, tem seis filhos e acompanha através da esposa o desenvolvimento escolar dos filhos. A entrevistada nº 02 tem 28 anos, é separada, tem três filhos, trabalha em uma laminadora, não tem ajuda financeira do pai das crianças e disse que não tem tempo de acompanhar o desenvolvimento escolar dos filhos, eles passam a maior parte do tempo sós em casa (e talvez na rua). A terceira entrevistada tem 31 anos, é mãe solteira, tem quatro filhos, é dona de um bar, cria os filhos em seu ambiente de trabalho e disse que não ajuda os filhos porque não tem tempo. O quarto entrevistado é comerciante, tem 38 anos, é casado, tem dois filhos, disse que acompanha juntamente com a esposa o desenvolvimento escolar dos filhos.

No desenvolvimento da pesquisa entrevistei a diretora da escola que é uma mulher de 37 anos, está em seu segundo casamento, tem três filhos e está fazendo o Curso de Pedagogia, é superatenciosa e batalhadora.

Entrevistei também a coordenadora da escola que é uma mulher de 42 anos, é pedagoga, está no segundo casamento, tem três filhos e também é bastante receptiva

Entrevistei também algumas crianças, umas extrovertidas e outras um pouco introvertidas.

Atualmente o sistema educacional discute inovações e propostas que valorizem o aluno enquanto sujeito do conhecimento, mas pouco tem investido em programas sociais para melhorar a vida dessas crianças junto à família e o ambiente onde elas passam a maior parte do tempo convivendo com a miséria, a violência, o analfabetismo, a insegurança, a falta de afetividade familiar. Por outro lado, o professor também não está distante dessa situação, enfrenta a falta de programas e projetos de formação continuada que colaborem para que os professores possam lidar com tais situações. As palestras oferecidas aos professores, pouco têm a oferecer, e muitas vezes ele deixa de participar para aproveitar o dia sem aula para resolver problemas pessoais ou mesmo para descansar, porque geralmente ele trabalha dois ou três períodos em busca de um salário melhor, deixando muito a desejar no desenvolvimento de seu trabalho educacional.

Uma das professoras disse corajosamente que reconhece as falhas da avaliação quantitativa e sabe que o sistema de ensino não dá possibilidade para o aluno aprender, continuando assim na escola, mas com o salário que ela ganha não vale a pena "inventar" novas formas de trabalho e avaliação e que tudo que ela fizer, depois terá que ser transformado em nota para aprovar ou reprovar o aluno. Por isso ela iria continuar trabalhando assim até o governo dar um jeito na educação:

"Sabe menina, eu até sei que com esse tipo de avaliação os alunos não têm possibilidade de melhorar sua aprendizagem, mas a turma é tão cheia, que não dá pra gente fazer uma avaliação de melhor qualidade com o salário que eu ganho não vale a pena inventar mais trabalho para tentar avaliar de outra maneira, além disso, tudo não vai ter que ser transformado em nota? Então pra quê mais trabalho? Não adianta, eu vou continuar fazendo minhas provas escritas e

valorizar o lado quantitativo até o governo dar um jeito na educação." (professora da 4.ª série, pedagogia)

A maioria dos professores certamente acredita em novas formas de avaliação no processo de ensino-aprendizagem, mas não estão preparados pedagogicamente para desenvolver um trabalho diferenciado, mesmo os professores que têm curso universitário não conseguem unir teoria e prática e em sua prática educativa ainda utiliza a nota como arma para manter a disciplina, garantir a participação e fazer com que o aluno perceba o poder do professor em relação a ele. Percebe-se que o professor reconhece as falhas no processo avaliativo, mas não conseguem trabalhar de forma diferente.

Em uma das séries eu acompanhei a professora desde a elaboração das avaliações até o momento de sua aplicação, percebi a mudança de comportamento da mesma, nos dias de aulas "normais" ela se mostrava alegre, procurando tratar bem seus alunos, mas no dia de aplicar a avaliação, a professora já entrava na sala de mau humor, permanecendo atenta às possíveis tentativas de "cola" e quando um aluno se dirigia a ela para pedir alguma informação ela o tratava com grosseria chamando-o de burro e incapaz, não permitindo que este desviasse seu olhar para o lado enfatizando que se eles tirassem "nota vermelha" a culpa não era dela, pois ela dava o melhor de si:

"Tocê está vendo? Ninguém estuda, passa a aula toda conversando e não presta atenção na explicação, depois na hora da prova não sabe de nada. E não adianta nada a gente pedir ajuda aos pais, alguns nem ligam, acham que a responsabilidade é só do professor. Eu só não sei como eu vou dar conta de ensinar essa quantidade de alunos." (professora de 2ª série, magistério)

A falta de preparação do professor para lidar com determinadas situações que se apresentam no cotidiano escolar é bastante visível. sua fala deixa transparecer sua falta de maturidade e insegurança. Percebe-se que o fato de os pais não colaborarem com seu trabalho a preocupa bastante, e com muita razão ela reclama, pois se os pais não se sentirem responsáveis pelo processo de ensino-aprendizagem de seus filhos e não fizerem um acompanhamento, torna-se muito difícil se conseguir atingir os objetivos propostos pela educação que é o de conseguir garantir a aprendizagem por parte de todos os alunos.

Durante a pesquisa, tive a oportunidade de conhecer uma professora que eu posso dizer que realmente se preocupa com a formação do indivíduo de uma forma geral, não só em relação ao ensino-aprendizagem, ela se preocupa com a formação do aluno para a vida, permite que o aluno construa seu conhecimento, seja sujeito de sua aprendizagem e não um depósito de informações.

"Eu antes do curso, cometia muitas injustiças, era agressiva, humilhava meus alunos, não permitia que eles se expressassem, mas durante o curso de formação para professores de 1ª a 4ª série, eu tive a oportunidade de ler livros de grandes autores como Piaget, Vigotsky, Emilia Ferreira, entre outros, mas não posso esquecer de que das leituras que eu fiz, o autor que me fez refletir sobre minha ação pedagógica, foi Paulo Freire. O modo como ele se refere às pessoas com quem ele trabalhou e o valor que ele dá ao ser humano, me fez perceber como é importante você ser respeitado, ouvido, enfim, ser valorizado. E eu no momento de avaliar meu aluno, levo em consideração seu desenvolvimento no decorrer de todo o processo de ensino-aprendizagem e não só o que ele consegue fazer na prova escrita." (professora da 3ª "A", formação de professores)

O convívio com essa professora foi muito gratificante, o relacionamento dela com seus alunos é de uma cumplicidade envolvente, o respeito mútuo, a valorização do aluno como sujeito de sua aprendizagem, o envolvimento dos pais, certamente contribui

bastante para que o processo de ensino-aprendizagem se desenvolva em um clima favorável e estimulador. O fato de a professora ter conhecimento de literaturas que venham a subsidiar sua ação pedagógica e de fundamental importância, mas somado a isso está o fato de a professora ter consciência de que ela é a principal responsável pelo sucesso ou fracasso de seus alunos. O compromisso do professor com seus alunos torna mais fácil para ele compreender as dificuldades do aluno, suas necessidades, facilitando assim o processo de ensino-aprendizagem. Enquanto nas duas turmas em que eu estive anteriormente as provas eram totalmente objetivas, nesta turma a professora elaborou uma prova com algumas questões objetivas e outras subjetivas.

Quando estive na sala da 3ª série "B", percebi que alguns alunos não estavam muito interessados na aula, mas a professora começou a fazer ameaças dizendo que eles iriam repetir o ano letivo se não prestassem atenção e que ela não tinha culpa, pois não estava sendo paga para ser baba e sim para ensinar os conteúdos da 3ª série e que não tinha culpa se eles tinham passado para a 3ª série "sem saber de nada". Na hora dos alunos responderem a prova foi um silêncio geral, pois a professora avisou que quem não se comportasse como gente não iria receber a prova e portanto ia ficar com "zero".

"A gente recebe alunos na 3ª série, que deveria estar na 1ª série, alunos terríveis, e querem que no final do ano todos passem. Já deu para você perceber que esses meninos não querem nada, não estão nem aí pra aprender nada, eu falto é enlouquecer pra ensinar alguma coisa e eles não se interessam por nada. Na hora da prova todo mundo quer ajuda, eu não estou nem aí, pois faço a minha parte, eu não posso consertar o mundo. Eu já tentei de tudo, ser amiga, conversar, mostrar como o estudo é importante, mas eles nem ligam, os pais dos alunos "problemas" não comparecem em nenhuma reunião e eu não posso fazer nada, até que eu gostaria, mas se eu não tiver ajuda, tenho certeza que não consigo fazer um bom trabalho."
(professora da 3ª série "B")

Essa professora não conseguia chamar a atenção dos alunos, quase toda a turma se comportava mal e ela se tornava agressiva. Sua falta de formação, o não acompanhamento dos pais, a deficiência da relação professor-aluno, tudo isso contribuiu para agravar a situação.

As provas eram totalmente objetivas não dando aos alunos a oportunidade de usar sua criatividade, o que impede os alunos de se desenvolverem.

No que diz respeito aos alunos, eles acreditam que a avaliação escrita é necessária na escola e que só existe aprendizagem se houver prova. Na verdade, acredito que eles foram convencidos disso, e se condicionam a responder a prova na esperança de conseguir uma nota alta.

Quando entrevistei alguns alunos da 4ª série sobre a avaliação, fiz as seguintes perguntas e obtive as seguintes respostas:

- O que é avaliação?

“É uma prova que faz o aluno aprender mais.” (aluno A)

“É pra professora ver quem conseguiu aprender.” (aluno B)

“É pra nós poder passar de ano.” (aluno C)

- Para que serve a avaliação?

“Serve pra fazer a gente aprender.” (aluno A)

“Serve para a professora ver quem presta atenção e estuda na sala e em casa.”
(aluno B)

“serve pra gente tirar nota e passar de ano.” (aluno C)

- Você acha que a avaliação lhe ajuda a aprender?

“Acho que sim, pois a gente tem que estudar se não reprova.” (aluno A)

“Ajuda, porque sem prova não tem nota e sem nota ninguém passa de ano.”
(aluno B)

“Acredito que sim, porque só aprendemos quando estudamos para fazer a prova.” (aluno C)

Após acompanhar também alguns alunos da 3ª série durante as avaliações, conversei com eles e fiz as perguntas que se seguem:

- O que é prova para você?

“É um meio que a professora usa para saber se os alunos aprenderam tudo que ela ensinou.” (aluno D)

“É uma forma de mostrar o que a gente sabe.” (aluno E)

“É pra professora descobrir o que a gente aprendeu.” (aluno F)

- Você acha que as avaliações ajudam em sua aprendizagem?

“Sim, mas algumas vezes a professora passa coisas que eu nunca vi.” (aluno D)

“Claro, a gente não esquece mais as questões que caem na prova.” (aluno E)

“Ajuda sim, ajuda a gente a saber mais das coisas.” (aluno F)

- Você estuda todos os dias ou só no dia da prova?

“Quase sempre eu estudo, mas acho que aprendo mais quando a professora dá as tarefas no final de cada explicação.” (aluno D)

“Eu nunca estudo em casa, só na escola. Eu acho que só aprendo com a professora na sala.” (aluno E)

“Eu estudo na escola e também em casa todos os dias, minha mãe e também a professora disseram que temos que estudar todos os dias.” (aluno F)

- O que você acha da prova escrita?

“Acho que é boa, mas eu prefiro que a professora passe trabalho.” (aluno D)

“Não gosto, mas somos obrigados a fazer, se não a gente reprova.” (aluno E)

“Detesto, a professora fica muito grosseira na hora da prova e a gente fica nervoso e erra tudo.” (aluno F)

- O que você sente quando está sendo avaliado?

“Muito nervoso, me dá um esquecimento geral e eu não consigo responder nada.” (aluno D)

“Não sei, fico meio nervoso.” (aluno E)

“Não sinto nada, eu já sei de tudo.” (aluno F)

Durante a pesquisa tive a oportunidade de conversar com alguns pais, inclusive os que responderam o questionário que eu lhes dei e fiz as seguintes perguntas:

- Você sabe para que serve as provas que seu filho faz na escola?

“Não, eu nem me preocupo com isso, a professora que se vire.” (Pai A)

“Eu sei que se o aluno não fizer a prova não passa de ano.” (Pai B)

“Olha, eu acredito que é para a professora saber se os alunos estão aprendendo mesmo.” (Pai C)

“É para a professora saber se os alunos estão aprendendo, mas acho que não contribuí muito para a aprendizagem, pois a professora do meu filho não corrige a prova depois, pra tirar as dúvidas dos alunos.” (Pai D)

- A professora de seu filho conversa com você sobre o desenvolvimento de seu filho?

“Não, ela só me chama na escola para entregar as provas e reclamar sobre o comportamento de meu filho.” (Pai A)

“Ela só me diz que ele não vai conseguir passar, mas não faz nada para ajudar.” (Pai B)

“Ela me diz que ele não consegue aprender nada e que ela já fez o que estava a seu alcance.” (Pai C)

“Quando eu pergunto ela diz que ele vai muito bem, depois ele me conta que ela vive chamando ele de burro.” (Pai D)

- Você vai sempre à escola de seu filho?

“Só quando a professora me chama, o que é quase todos os dias.” (Pai A)

"Vou quase todos os dias, apesar de eu não saber ler, eu tento dá o melhor de mim para meus filhos aprenderem" (Pai B)

"Eu não estou mais indo, pois todas as vezes que eu vou a professora me humilha contando na frente de todo mundo que o meu filho só lhe causa problemas." (Pai C)

"Eu vou todas as semanas e tento acompanhar da melhor forma possível o desenvolvimento de meus filhos" (Pai D)

As professoras das 1^{as} séries não permitiram que eu ficasse em suas salas durante a pesquisa, inventaram várias desculpas e eu terminei desistindo, mas acredito que elas estavam um pouco inseguras.

Consegui conversas com algumas professoras sobre a avaliação da aprendizagem e fiz as seguintes perguntas:

- O que é avaliação e como ela pode ser feita?

"É um mecanismo pelo qual se pode avaliar o desenvolvimento do aluno e pode ser feito através de trabalhos em grupo, pesquisas, provas escritas, etc." (professora A)

"É uma maneira criteriosa de observar o desenvolvimento do aluno e também de analisar o desempenho do professor, pois se o aluno não está aprendendo, talvez o professor não esteja sabendo ensinar. Ela pode ser feita desde a correção de deveres diários, a seminários, trabalhos individuais, em grupos, provas escritas, orais, etc." (professora B)

"Quando se fala em avaliação, automaticamente fala-se em prova. E ao se falar em prova dá um 'branco' total, aí se esquece tudo. Acredito que avaliar os alunos diariamente, faz eles se sentirem mais seguros, até porque, eles se sentem mais responsáveis por sua aprendizagem. Avaliação pode ser feita através de trabalhos diários, provas escritas, trabalhos individuais e em grupos, seminários, etc." (professor C)

"Acredito que se avalia o aluno desde o momento que se entra na sala de aula até o último dia de aula, então avaliar é observar o desenvolvimento do aluno. A avaliação

pode ser feita em todos os momentos da aula, desde os gestos dos alunos ao desenvolvimento das várias atividades propostas." (professor D)

- Qual é o objetivo da avaliação?

"Acredito que seja verificar se esta havendo aprendizagem por parte do aluno e se não estiver, serve também para o professor replanejar seu método de trabalho." (professora A)

"Verificar o desempenho dos alunos e também do professor." (professor B)

"Saber se está havendo aprendizagem." (professor C)

"Acredito que seja perceber se esta havendo aprendizagem por parte de todos os alunos e se não está, possibilita ao professor replanejar seu método de trabalho." (professor D)

- Você reforça mais a abordagem qualitativa ou quantitativa da avaliação?

"É muito difícil avaliar qualitativamente 41 alunos, por isso eu termino fazendo uma avaliação quantitativa mesmo." (professor A)

"Eu procuro reforçar as duas abordagens, mas não posso negar que atribua peso maior à quantitativa." (professor B)

"Ainda não aprendi avaliar qualitativamente, até porque tenho 38 alunos, são exigidas as notas e isso requer números e termino avaliando apenas o lado quantitativo." (professora C)

"Eu tento utilizar as duas abordagens da avaliação da aprendizagem, mas confesso que é muito difícil avaliar qualitativamente. Eu termino dando maior peso ao quantitativo." (professora D)

Ao analisar o discurso dos alunos percebe-se que a maioria deles ainda não sabe o real objetivo da avaliação, mas sabem que se não se saírem bem nas provas podem não passar de ano. A maioria tem medo de fazer provas, mas sabem que são obrigadas a fazê-las. Alguns poucos que sempre se saem bem até gostam de fazê-las, acredito que esta seja uma maneira de mostrar que são capazes.

Os pais que foram entrevistados demonstraram que sua concepção de avaliação é praticamente a mesma dos filhos. eles também ainda não foram esclarecidos quanto à importância de sua participação no processo de ensino-aprendizagem de seus filhos. A maioria não se sente à vontade para frequentar a escola por se sentirem desvalorizados pelos professores envergonhados pelo comportamento dos filhos. o que deu para perceber que é bastante enfatizado pelo professor e até pelos outros alunos.

No discurso dos professores percebe-se que eles sabem que é importante valorizar os conhecimentos prévios dos alunos, orientá-los na construção do próprio conhecimento, avaliar a qualidade de seu desenvolvimento, mas infelizmente a maioria continua valorizando apenas o lado quantitativo da avaliação, enfatizando os resultados finais e desprezando o processo pelo qual se conseguiu chegar a estes resultados. Uns acreditam que agem dessa forma, porque ainda não aprenderam a trabalhar a avaliação numa abordagem qualitativa, outros, porque acham muito difícil e não ganham o suficiente para inventar mais trabalho, o que revela a falta de compromisso destes, e a falta de formação dos outros.

No decorrer da pesquisa conversei com a diretora e a coordenadora da escola, onde na oportunidade, tive acesso ao Projeto Político Pedagógico da escola, fazendo uma análise criteriosa e depois fiz as seguintes perguntas:

- Qual é a concepção de avaliação que a escola segue?

“A mesma dos PCN’s, a qual vai além da visão tradicional, não se restringindo ao julgamento do sucesso ou fracasso dos alunos, mas compreendendo um conjunto de ações com a função de sustentar e orientar a intervenção pedagógica.” (diretora da escola)

“E filosofia da escola utilizar a avaliação da aprendizagem de forma contínua e sistematizada, procurando valorizar mais os aspectos qualitativos que os quantitativos, de acordo com as orientações da LDB (9394 96).” (coordenadora da escola)

- Você orienta os professores a respeito das avaliações?

“Com certeza, dou o melhor de mim, mas muitos professores não aceitam trabalhar de outra forma que não a tradicional e me acusam de ‘passar’ a mão na cabeça dos alunos.” (coordenadora da escola)

- Quando você percebe que há muitos alunos com baixo rendimento, o que você faz?

“Reuno os professores e juntos discutimos os meios para intervir e solucionar o problema.” (coordenadora da escola)

- Você já discutiu com os professores a possibilidade de que as dificuldades de aprendizagem dos alunos pode ser por causa da metodologia utilizada por eles?

“Sim, mas a maioria não aceita esta possibilidade, pois alguns ainda se acham donos do saber.” (coordenadora)

- Quando percebe que o professor está utilizando a avaliação para punir o aluno, como você age?

“Chamo o professor e procuro lembrá-lo de sua função, que é a de proporcionar a aprendizagem por parte de todos os alunos e se não funcionar mostro-lhe que ele pode ser punido.” (coordenadora)

- O município ou a escola proporcionam algum momento de formação continuada para os professores?

“Sim, todos os professores participam de mini-cursos e palestras, uns oferecidos pelo município, outros pela própria escola, com o patrocínio do PDE, mas infelizmente, nem todos utilizam o que aprendem.” (coordenadora)

De acordo com a coordenadora da escola a maioria dos professores da mesma ainda trabalha de forma tradicional, apesar dela enfatizar que a escola orienta-os no sentido de valorizar o aluno como sujeito de sua aprendizagem, priorizando os aspectos qualitativos da avaliação, em detrimento dos quantitativos. Segundo ela a maioria dos professores ainda se acha dono do saber e portanto sem possibilidade de erro, o que torna muito difícil seu trabalho, mas ela procura amenizar a situação e tenta orientar os professores no sentido de oferecer uma educação de qualidade aos seus alunos.

"Muitos docentes cumprem o seu papel mecanicamente, sem investir o necessário para que os resultados de sua atividade sejam significativos. O cumprimento mecânico da atividade docente serve muito pouco para uma efetiva aprendizagem e o consequente desenvolvimento do educando" (LUCKESI, 2002: 122)

De acordo com Luckesi (2002), a maioria dos professores demonstram que não estão preocupados com a efetiva aprendizagem de seus alunos. Os comentários feitos na sala dos professores e nos corredores da escola, evidenciam que alguns professores não se sentem responsáveis pelo fracasso escolar de seus alunos. Sabemos que a democratização da educação escolar, como meio de desenvolvimento do educando, do ponto de vista coletivo e individual, sustenta-se em três elementos básicos: acesso universal ao ensino, permanência na escola, qualidade satisfatória da instrução. No entanto, sabemos que nem todas as crianças, jovens e adultos deste país têm acesso ao ensino, um número elevadíssimo dos que conseguem ingressar na escola, nela não permanecem, e mais, aqueles que conseguem ali permanecer nem sempre obtêm uma instrução e um ensino de qualidade. A sociedade não investe o suficiente no desenvolvimento do educando, especialmente daqueles oriundos das camadas populares.

Sabemos que não pode ser atribuída ao educador individualmente a responsabilidade por todos os desvios da educação, mas, quanto pior for o exercício do seu trabalho, menores serão as possibilidades de que os educandos, de hoje, venham a ser cidadãos dignos de amanhã, com capacidade de compreensão crítica do mundo, condições de participação e capacidade de reivindicações dos bens materiais, aos quais têm direito inalienável.

Enquanto professores na sala de aula, talvez, não possamos dar conta da política de ofertas de vagas e de acesso dos educandos a escola, mas podemos e é nossa responsabilidade dar conta de um trabalho educativo significativo para aqueles que a ela têm acesso. Trabalho esse, que se for de boa qualidade, será um fator coadjuvante de permanência dos educandos dentro do processo de aquisição do saber e conseqüentemente um fator dentro do processo de democratização da sociedade.

“Considero a formação e o aperfeiçoamento dos professores em avaliação educacional um dos desafios atuais da educação. Embora as veementes críticas sobre o caráter de controle e autoritarismo inerente a essa prática secular do sistema educacional, é sabido que a atenção a essa área, em cursos de formação, é freqüentemente descuidada ou desarticulada da realidade do contexto educacional, reduzindo-se a um estudo superficial de modelos teóricos da avaliação e à análise crítica do seu caráter ideológico”. (ROFFMANN, 1998:65)

A formação do professor necessita mais do que um curso preparatório, pois a bagagem de conhecimento com que ele sai de um curso de formação inicial, será sempre insuficiente para desempenhar sua tarefa em sala de aula. Mesmo que esse curso tenha sido feito em uma escola conceituada, e por mais que esse professor tenha realizado bons estágios, coisa que sabemos raríssima.

Os estágios, da forma como são feitos, pouco contribuem para a formação prática-reflexiva do professor. O desafio é muito grande no que se refere à formação de professores para o Ensino Fundamental, considerando-se os índices assustadores de fracasso escolar e evasão nas escolas públicas, decorrentes, em grande parte, das práticas avaliativas secularmente instituídas.

Serão os professores os responsáveis pelo fracasso dos alunos.

De acordo com Jussara Roffmann (1998), o educador necessita dar-se conta de que é seriamente comprometido com o juízo de valor emitido sobre o educando. Seu olhar estreita-se perigosamente ao considerar o processo avaliativo como uma ação objetiva e imparcial, puramente constativa sobre o fazer do aluno, como uma coleta de dados observáveis. Ao estabelecer um juízo de valor sobre o que observa, o professor interpreta o que vê a partir de sua experiência de vida, sentimentos e teorias. Na avaliação educacional há que se levar em conta a relação entre o avaliador e o avaliado. Kesselring (1993:98) afirma que de acordo com Piaget a abstração empírica tem quase sempre por pressuposto uma abstração "reflexionante", não existem realidades puras, portanto toda observação é permeada por premissas teóricas.

"Abstrair significa isolar uma qualidade percebida de um objeto ou um aspecto dentro de um contexto. Refletir significa voltar para si mesmo, atentando para o próprio fazer, pensamentos, representações e sentimentos. Uma abstração empírica leva à constatação, à contemplação. A pessoa deixa-se captar pelo objeto no seu aspecto configurativo e estático. A abstração reflexionante leva à compreensão e o sujeito opera sobre os dados percebidos do objeto no sentido de transformá-lo a partir das relações que estabelece. Para chegar à valorização, a pessoa passa à esfera da reflexão sobre o que observa, onde o seu pensamento e seu juízo controlam as primeiras impressões. Ou seja, ao avaliar, o professor interpreta os dados observados a partir de suas próprias posturas e concepções". (ROFFMANN, 1998:14)

Percebe-se portanto, de acordo com Jussara Roffmann (1998), que o professor ao avaliar o aluno faz seu julgamento de valor de acordo com o que suas concepções teóricas e posturas de vida lhe permitem, ou seja, mesmo perseguindo uma valoração imparcial precisa e padronizada, como um agente passivo de um sistema burocrático a priori estabelecido, cada avaliador se denuncia ao avaliar, pela releitura própria do que vê a partir de suas próprias concepções e do seu grau de saber sobre uma disciplina ou área de conhecimento.

Diz Pareyson (1989:169), que "se pode olhar sem ver e procurar sem encontrar, mas não encontrar sem procurar nem ver sem ter olhado". E o que perigosamente se observa é que o educando vive, muitas vezes, o anonimato em sala de aula, ele não é verdadeiramente olhado em sua realidade concreta, não é percebido como sujeito de sua aprendizagem. Muitos passam pela escola sem serem percebidos pelo professor, apesar de estarem presentes, não são notados.

De acordo com o discurso dos professores da escola pesquisada, percebe-se que alguns deles têm compromisso com a aprendizagem de seus alunos, tentam dar o melhor de si, mas não sabem como atingir seus objetivos. Acredito que é a falta de uma formação pedagógica adequada, que lhe dê a possibilidade de oportunizar o crescimento do educando, valorizando-o como sujeito de sua aprendizagem, o que tem atrapalhado suas ações, impedindo seu crescimento. Entretanto, nota-se que na escola existem alguns professores que não estão muito preocupados com a aprendizagem de seus alunos, eles ainda não entenderam que é necessário que se valorize o educando como sujeito portador de saberes que lhes darão a capacidade de adquirir e internalizar os conhecimentos que são socializados na escola e que é sua responsabilidade oportunizar

a seus alunos uma aprendizagem efetiva, direcionando-lhes rumo a construção da cidadania.

Os alunos certamente não estão conscientes dos instrumentos que são utilizados para fazer a avaliação de seu rendimento escolar e muito menos, dos critérios observados na elaboração desses instrumentos avaliativos. Alguns demonstram ter verdadeiro pavor da avaliação, outros já têm um pouco mais de segurança e encaram a avaliação como uma atividade normal. Percebe-se que a maioria dos alunos acham que é mais válida a verificação da aprendizagem feita ao final das atividades diárias e não ao fim de um bimestre.

Alguns pais ainda não vêem o processo de ensino-aprendizagem como uma responsabilidade que além de ser da escola, é também sua. Que seus filhos, embora fiquem na escola durante quatro horas diariamente, o restante do dia ficam ou deveriam ficar em casa, sob a responsabilidade da família, e que esta deveria reservar um tempo para que a criança possa rever o que foi ensinado na escola, complementando assim a aprendizagem. Em contra partida, vemos os pais que sentem-se responsáveis pelo processo de aquisição de conhecimento de seus filhos, mas não conseguem fazer com que eles se desenvolvam por não serem portadores de saberes que lhes possibilitem orientá-los no processo de aquisição do conhecimento.

A direção e a coordenação da escola apesar dos esforços, ainda não conseguiram fazer com que os professores se inserissem no cotidiano escolar, sentindo-se responsáveis pelas atividades ali desenvolvidas, para que os mesmos deixem de desempenhar suas atividades pedagógicas mecanicamente e possam desenvolver atividades que possibilitem tanto o crescimento do educando quanto o seu.

A secretaria de educação também precisa rever as políticas de contratação de profissionais do magistério, observando as ações desses profissionais para possível tomada de decisão no sentido da contratação ou não desses profissionais. Além disso, é necessário que sejam oportunizados aos professores constantes momentos de formação, socialização dos fazeres pedagógicos além da valorização profissional dos mesmos.

3.2 - Os Caminhos para a Avaliação da Aprendizagem na Escola Antonio Gramsci.

A escola pesquisada situa-se em um bairro onde a grande maioria dos moradores encontra-se desfavorecidos econômica, social e culturalmente, e urgente criar-se um projeto de inclusão social que venha a proporcionar tanto ao educando como à sua família, além da conscientização de sua situação, as armas para que estes possam lutar pela construção de sua cidadania.

As crianças vindas de um mundo cultural semelhante ao que é valorizado na escola já chegam com enormes vantagens em relação às demais. Para elas a escola será muito mais fácil, porque está em consonância com a cultura da família e do seu ambiente. Não se pode dizer o mesmo das crianças que vêm de comunidades onde as pessoas têm menor grau de escolaridade e estão, portanto, mais distantes dos usos cotidianos dos conteúdos que a escola propõe. Elas não dispõem do tipo de conhecimento com o qual a escola habitualmente conta e dependem exclusivamente da escola para aprender os conteúdos escolares, pois não têm, em casa a quem recorrer.

Isso cria a necessidade de que a educação escolar dessas crianças garanta oportunidades de aprendizagem semelhantes àquelas que as de classe média recebem.

Essa equalização das oportunidades de aprendizagem das crianças que chegam, é, como já vimos, tarefa da escola, e diante dela, a escola precisa refletir sobre suas práticas, pois dependendo de como as desenvolve, pode condenar as crianças, prejudicando sua auto-estima e dificultando, com isso, seu envolvimento com as situações de aprendizagem. Isso é algo que acontece em muitas escolas por meio de atitudes sutis, muitas vezes inconscientes e que mesmo de modo involuntário, prejudicam o sucesso escolar dos alunos.

Como sabemos, o processo de aprendizagem não responde necessariamente ao processo de ensino, ou seja, não existe um processo único de ensino-aprendizagem, os dois são processos distintos, o de aprendizagem, desenvolvido pelo aluno, e o de ensino, pelo professor. São dois processos que se comunicam, mas não se confundem, o sujeito do processo de ensino é o professor, enquanto o do processo de aprendizagem é o aluno. É um equívoco afirmar que o aluno poderá receber qualquer ensinamento que o professor lhe transmita exatamente como ele lhe transmite, acredito que o professor é que precisa compreender o caminho de aprendizagem que o aluno está percorrendo naquele momento e, em função disso, identificar as informações e as atividades que permitam a este aluno avançar do estágio de conhecimento que já conquistou o mais evoluído. Portanto, não é o processo de aprendizagem que deve adaptar-se ao ensino, mas o processo de ensino é que tem de ser adaptado ao de aprendizagem, ou seja, o processo de ensino deve dialogar com o processo de aprendizagem.

Quando o professor acredita que o ensino e a aprendizagem são duas faces de um mesmo processo, faz sentido acreditar que ao final dele só existam duas alternativas: ou o aluno aprendeu, ou não aprendeu, no entanto, se ele vê a aprendizagem como uma

reconstrução que o aluno tem de fazer dos seus esquemas interpretativos e percebe que esse processo é um pouco mais complexo que o simples "aprendeu ou não aprendeu". começa a considerar algumas questões. Uma delas é a necessidade de ter claro o que seu aluno já sabe no momento em que lhe é apresentado um conteúdo novo, já que o conhecimento a ser construído por ele e, na verdade, uma reconstrução que se apóia no conhecimento prévio de que ele dispõe. Este conhecimento prévio é o conjunto de idéias, representações e informações que servem de suporte para essa nova aprendizagem, por mais que não tenha obrigatoriamente, uma relação direta com o conteúdo que se quer ensinar. Como sabemos, investigar e explorar as idéias e representações prévias, ajuda bastante no momento de elaborar situações nas quais o aluno precisará usar o que já sabe para aprender o que ainda não sabe.

Mapeando o conhecimento prévio dos alunos, numa espécie de avaliação inicial, pondo em prática as situações planejadas para levá-los a avançar, o professor passa a precisar de um novo instrumento para verificar como eles estão progredindo, já que o conhecimento não é construído igualmente, ao mesmo tempo e da mesma forma por todos os alunos. Esse instrumento é a avaliação de percurso, formativa ou processual, como é chamada por alguns estudiosos, e deve ser feita durante o processo de aprendizagem, pois serve para verificar se o trabalho do professor está sendo produtivo e se os alunos estão, de fato aprendendo com as situações didáticas propostas. Como um observador privilegiado das ações dos educandos, o professor tem condições de avaliar o tempo todo, e é essa avaliação que lhe dá indicadores para sustentar sua intervenção.

É necessário ressaltar, que quando se avalia a aprendizagem do aluno, avalia-se também a intervenção do professor, por isso ele precisa de recursos para compreender o

que acontece com seus alunos e para poder refletir sobre a relação entre as suas propostas didáticas e a aprendizagem conquistada por eles.

Torna-se indispensável o compromisso do professor com a aprendizagem efetiva de todos os seus alunos, temos consciência de que esta é uma tarefa que não é muito fácil de se realizar, mas acredito que também não é totalmente impossível, e o compromisso do professor é o primeiro passo para que as outras ações sejam desencadeadas.

Como sabemos a educação é dever da família e também do Estado, mas a família é colocada como maior responsável pela educação da criança, o que não poderia ser diferente pois é em seu seio que a criança cresce e se desenvolve. Entretanto, quando a família não tem uma estrutura que possa oferecer os meios para que esta criança se desenvolva, este torna-se um dever exclusivamente do Estado, e a escola é a instituição através da qual esse dever pode ser cumprido. Como foi evidenciada anteriormente, a escola onde a pesquisa foi desenvolvida, atende a uma clientela que em sua grande maioria pertence à classe menos favorecida econômica social e culturalmente, e apesar da educação acontecer a todos os momentos nos diversos lugares que freqüentamos, é na escola que os conhecimentos são sistematizados e portanto à escola é atribuída a função de oferecer a educação para a sociedade.

A lei diz claramente que a educação pública é dever do Estado e que é garantido a todos o acesso à escola, mas acredito que só o acesso à escola não garante ao educando seu crescimento e desenvolvimento, o professor deve oferecer ao aluno as condições necessárias para que ele permaneça na escola e nela possa se desenvolver. Acredito que o professor seja o maior responsável pela efetiva inclusão de seus alunos

no mundo dos que detêm os saberes que lhes tomarão aptos a construir sua cidadania. digo isso, levando em consideração que ao professor não cabe apenas o dever de ensinar a seus alunos o ofício da leitura e da escrita, mas que além dessa função a ele cabe também fornecer os meios que lhes permitam desenvolver outras habilidades que possam contribuir para sua formação.

E evidente que não existe uma fórmula mágica que possa indicar aos professores que concepção de avaliação eles devem seguir, no entanto, é necessário analisar-se todas as concepções avaliativas e utilizar o melhor de cada uma delas, até porque todas têm pontos positivos e negativos. Ao selecionar os pontos positivos de cada umas das concepções avaliativas, o professor terá a oportunidade de criar uma concepção avaliativa que seja adequada à clientela a qual ele atende. É necessário também levar-se em consideração que cada momento do processo de ensino-aprendizagem pode exigir uma avaliação diferente. Ao iniciar-se o ano letivo é necessário que se faça uma avaliação diagnóstica da turma para que se descubra o que os alunos já sabem. Não se deve esquecer que não existem turmas homogêneas, pois as crianças têm desenvolvimentos diferentes umas das outras, enquanto uma criança pode internalizar um conteúdo logo que lhe é apresentado, outra pode demorar mais um pouco para compreendê-lo e ainda pode haver outras crianças que se precisa atender em outro momento, para que, usando uma metodologia adequada ao nível de desenvolvimento em que a criança se encontra, se consiga fazê-la compreender determinado conteúdo.

Gostaria de ressaltar que não interessa o nível de desenvolvimento em que você encontrou determinada criança, o que é importante, é que aquela criança se encontra em sua turma e é a partir daquele momento, responsabilidade sua, possibilitar a essa criança

a aquisição dos conhecimentos necessários para que ela possa desenvolver-se e acompanhar a turma. Este trabalho não é muito fácil, mas é necessário fazê-lo, porque se um não o fizer, outro também não fará, e ira sempre continuar a procura do culpado pela má qualidade da educação, pela reprovação, pela evasão escolar e pela condenação à exclusão permanente das pessoas menos favorecidas.

Acredito que não se deve educar por amor, ate porque, tem-se uma familia que precisa ser sustentada, mas é necessario educar com amor, é preciso gostar do que se faz e acima de tudo acreditar no que se faz, os alunos não têm culpa pela desvalorização salarial que a classe tem sofrido, como também eles não são culpados por não conseguirem aprender o conhecimento da forma como lhes é apresentado. E necessário que se faça uma avaliação constante das propostas pedagógicas utilizadas, para se perceber se estão tendo resultados positivos, tentando adequá-las às condições de sua turma.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabemos que no Brasil, a avaliação da aprendizagem escolar é uma reprodução do modelo americano, o qual foi divulgado por professores que estudaram nos Estados Unidos.

A avaliação da aprendizagem escolar no Brasil está baseada na abordagem quantitativa, estabelecida em pressupostos positivistas. A ênfase maior da avaliação está nos produtos dos resultados.

A abordagem quantitativa está impregnada em nossas mentes, em nossa vida acadêmica sempre estivemos de alguma forma expostos à essa abordagem avaliativa. Daí a dificuldade de nos libertarmos da avaliação como instrumento de medida da aprendizagem.

Espero que o resultado desse estudo venha a contribuir para que os professores possam fazer uma reflexão sobre sua prática educativa, levando-os a uma conseqüente mudança de comportamento.

Acredito que este estudo irá tocar profundamente cada professor que dele tomar conhecimento, tornando-se multiplicador de uma nova concepção de avaliação da aprendizagem escolar, uma concepção avaliativa capaz de valorizar o educando possibilitando-lhe a construção do próprio conhecimento.

No que se refere à formação de professores, é de suma importância no processo de ensino-aprendizagem e também na avaliação.

Vivemos um momento de revisão da educação escolar, de seu papel e seu alcance, junto a isso vem o desafio da construção de um perfil profissional para o professor com base no seu trabalho em sala de aula, mas que se amplia para o desenvolvimento do projeto educativo da escola, para a produção, sistematização e socialização de conhecimentos pedagógicos e para a participação em discussões da comunidade educacional.

Nóvoa propõe a formação que "forneça aos professores os meios de um pensamento autônomo e que facilite as dinâmicas de formação auto-participante". (1992:25)

O processo de formação do docente deve produzir a vida do professor, ou seja, seu desenvolvimento pessoal, valorizando seu trabalho crítico-reflexivo, sua prática de ensino realizada e suas experiências vivenciadas e compartilhadas. Como sabemos a teoria oferece oportunidade de construir um conhecimento através de leituras, mas o que o sujeito retém está ligado à sua experiência.

Investir no desenvolvimento profissional, significa pensar a formação do professor como um projeto único, englobando a formação inicial e a contínua. Desse modo, a formação envolve dois processos: a formação acadêmica em uma instituição própria; e o da auto-formação dos professores através da troca de experiências, leituras e discussões mais aprofundadas das teorias. Diante disso, é importante produzir a escola como espaço de trabalho e formação, o que implica numa gestão democrática e práticas curriculares participativas, partindo para formação continuada logo depois da formação inicial. A formação de professores conscientes de sua atuação compreende um projeto de emancipação humana, valorização do desenvolvimento pessoal-profissional dos

professores e das instituições escolares. uma vez que se supõe que seja necessário condições de trabalho propícias para a formação contínua dos mesmos em seu local de trabalho. Portanto, trabalhar o conhecimento na sociedade atual, na formação dos educandos, que estão em constante transformação cultural de valores, interesses e necessidades, exige do professor uma formação permanente na tentativa de superação do fracasso e da evasão escolar.

Segundo a pesquisa efetuada constatei que as causas mais comuns do fracasso escolar é a falta de compromisso da maioria dos professores, a falta de formação acadêmica e contínua de outros, o que faz com que os mesmos vejam na prova o principal instrumento de avaliação da aprendizagem escolar, revestindo-a de uma aura quase sagrada, o que na verdade, vem se efetuando ao longo da história da educação.

O período dos exames escolares é estudado criteriosamente desde o início do ano letivo. Na maioria das escolas, há semanas especiais de avaliação onde os alunos vêm à escola especialmente para os testes. É como se toda a escola girasse em torno da prova. O clima é tenso, o professor torna-se autoritário, alguns alunos depois de ler as questões, lançam um olhar perdido no vazio, outros movimentam os lábios e olham para cima tentando lembrar as respostas das questões. Enquanto há também aqueles que tentam olhar disfarçadamente a prova do colega, mas são flagrados e repreendidos, voltando mais que depressa à posição anterior. Poucos se concentram escrevendo sem parar, demonstrando estar preparado para aquele momento.

Michel Foucault (1997) descrevendo a evolução histórica da legislação penal e outros meios de coerção e punição utilizados pelo poder público, descreve a prova ou exame.

"O exame combina as técnicas da hierarquia que vigia e as da sanção que normaliza. É um controle normatizante, uma vigilância que permite qualificar, classificar e punir. Estabelece sobre os indivíduos uma visibilidade através da qual eles são diferenciados e sancionados. É por isso que, em todos os dispositivos de disciplina, o exame é altamente ritualizado. Nele vêm-se reunir a cerimônia do poder e a forma da experiência, a demonstração da força e o estabelecimento da verdade. No coração dos processos de disciplina, ele manifesta a sujeição dos que são percebidos como objetos e a objetivação dos que se sujeitam a superposição das relações de poder e das de saber assume no exame todo seu brilho visível (...) Mas quem fará a história mais geral, mais vaga, mais determinante também, do "exame" de seus rituais, de seus métodos, de seus personagens e seus papéis, de seus jogos de perguntas e respostas, de seus sistemas de notas e de classificação? Pois nessa técnica delicada estão comprometidos todo um campo de saber, todo um tipo de poder". (FOUCAULT, 1987:154)

Portanto, o exame é mencionado como um dos recursos para o bom adiestramento e disciplina, é um meio de classificar e punir. A leitura deste autor possibilitou-me inúmeras reflexões sobre a questão da avaliação, pois antes eu não tinha essa visão da prova, costumava vê-la apenas como um instrumento avaliativo, através do qual eu perceberia onde eu precisaria intervir para ajudar meus alunos a se desenvolverem.

Fazemos parte do sistema educacional, o qual se propõe oferecer ao educando uma formação que lhe permita além da construção também o exercício da cidadania e ao refletir sobre o que efetivamente acontece no interior da escola, percebo o quanto ainda temos a aprender no que se refere à educação.

Vivemos em um mundo onde avaliamos e somos avaliados a todos os momentos, consciente ou inconscientemente. No processo educacional não é diferente, avaliar a assimilação e internalização do conhecimento de nossos alunos é tarefa que desempenhamos freqüentemente em todos os níveis de ensino. Entretanto as dúvidas quanto a este assunto nos perturbam profundamente. Sei que um grande número de

educadores ainda não descobriram qual o verdadeiro propósito da avaliação. acredito que esta deva ser vista como um instrumento que auxilie na aprendizagem do educando, e não como um instrumento para determinar aprovação ou reprovação dos alunos.

Considero que um dos principais objetivos da avaliação é oferecer ao professor a oportunidade de verificar, continuamente, se suas propostas pedagógicas estão dando possibilidades para que o aluno alcance os objetivos traçados. Portanto, a avaliação da aprendizagem deve ajudar professor e aluno a se auto-avaliar, e juntos procurar uma forma de prosseguir no processo, e até mesmo redirecionar metas, caso seja necessário. Nesse sentido, percebe-se que a avaliação não tem cumprido sua função, pois é grande o número de professores que a utilizam como arma para manter a disciplina, e a avaliação quando utilizada para este fim torna-se um mecanismo frenador do desenvolvimento do aluno.

Avaliar é muito mais que atribuir um número, qualificar, pesar, quantificar e conferir um valor ou nota; é acima de tudo confirmar a validade de um empreendimento. É permitir ao educando a oportunidade de descobrir suas dificuldades e com o auxílio do professor procurar compreender o problema para poder resolvê-lo. É verificar se a estratégia escolhida deu resultados positivos, ou seja, se os objetivos propostos foram alcançados. É necessário se pensar uma avaliação mais justa, mais comprometida com a aprendizagem efetiva por parte de todos os alunos.

É muito importante ressaltar que a avaliação da aprendizagem é um assunto que tem gerado discussões polêmicas e decisões contraditórias em muitas escolas. O emprego de instrumentos de avaliação geralmente ultrapassados, tem causado grandes prejuízos à educação ao longo da história.

Muitos alunos têm repetido séries escolares indevidamente, por causa do capricho de professores sem compromisso (ou sem formação adequada) e por falta de uma política equilibrada de avaliação da escola.

Acredito que a avaliação não deve ter um fim em si mesmo, mas sim, ser um instrumento que sirva para o crescimento de educador e educando.

Percebe-se que avaliar os alunos basicamente através de provas e testes de medida e classificação, tornou-se um método impróprio, inadequado e ineficiente, o que termina contribuindo para justificar um dos equívocos do sistema de avaliação que se mantém até hoje, na maioria das escolas brasileiras onde há associação entre avaliação e nota. A nota, seja através do sistema numérico (0 a 10), conceito (A, B, C, D, E) ou Excelente; Bom; Regular; Insuficiente, não indica precisamente o grau de aprendizagem do aluno. A nota na maioria das vezes é um referencial pobre, principalmente por não considerar a necessária articulação que deve haver entre os aspectos quantitativos e qualitativos do processo, que é o que se espera dos educadores comprometidos com a qualidade da educação. A avaliação deve envolver um aspecto mais amplo da vivência educacional. Quando um educador provoca no aluno a necessidade de pensar, de relacionar-se com outros seres humanos, de desenvolver hábitos de estudos, o desejo de tornar-se um cidadão participante e consciente de seu papel como sujeito transformador conseguiu alcançar os principais objetivos de um educador, mesmo que esse aluno ainda não tenha conseguido alcançar os avanços intelectuais desejados.

Não é suficiente o professor explicar um determinado conteúdo, cumpre a ele suscitar um espírito de investigação, atraindo o aluno a anunciar o conhecimento em sua própria linguagem, fazendo a aplicação desse conhecimento em seu cotidiano. Acredito

que a avaliação deve refletir, em todos os aspectos, a busca dos objetivos propostos. Essa tarefa não é responsabilidade exclusiva do professor, o professor deixa de ser unicamente um repassador de conhecimento para tornar-se um orientador cooperador e mediador do processo de aquisição do conhecimento. Por outro lado o aluno precisa abandonar sua postura de assimilador do conhecimento para participar ativamente do processo de aprendizagem.

Nesse processo o discurso repetitivo cede lugar ao diálogo, ao trabalho cooperativo, de grupo onde professores e alunos interagem, comprometidos com a produção do conhecimento. No entanto, para que esse empreendimento seja bem sucedido, há um componente que deve ser evidenciado logo no início de uma etapa de estudo: o relacionamento professor-aluno baseado na compreensão, respeito mútuo. Se o professor não conseguir alcançar o coração do aluno, dificilmente terá êxito em sua tarefa educativa.

A avaliação para ser abrangente e justa, tem que considerar as diferenças individuais, todas as crianças têm um ritmo próprio, alguns aprendem com uma simples explicação, outros precisam de um pouco mais de empenho do professor, e ainda existem outros que tem mais dificuldades e levam mais tempo para internalizar a informação.

A avaliação que exige uniformidade nas respostas não é produtiva, os professores precisam utilizar em suas avaliações instrumentos que contribuam para fortalecer o aprendizado, eliminando o fantasma da repetência e da evasão escolar.

Mudar para melhor é o desafio de todo professor comprometido com a qualidade da educação e com o desenvolvimento integral do educando. Digo desafio porque

romper com o apego às práticas educacionais com as quais convivemos a nossa vida escolar inteira. primeiro como aluno e depois como professor. é muito difícil, mas sabemos que é necessário mudar.

A família de hoje não pode ser comparada à família para a qual a educação tradicional foi criada. O autoritarismo da família já preparava as crianças para obedecer, às normas que eram exigidas na escola. Com a mudança nas estruturas da família, a escola precisa se preparar para receber as crianças que já não são mais tão "dóceis" e já reivindicam seus direitos e também seu espaço.

Gostaria de enfatizar, que a colaboração da família no processo educativo é de fundamental importância, se ela não acompanhar o desenvolvimento do educando, procurando auxiliá-lo, mostrando-lhe a importância da educação, torna-se muito difícil o trabalho do professor. Cabe à escola criar mecanismos para envolver a família no processo educativo. Acredito que a escola só conseguirá a colaboração da família, quando conseguir convencê-la de que a escola é que precisa de sua ajuda para desenvolver uma educação de qualidade.

Sei que é muito difícil para uma pessoa que foi educada em um ambiente carregado de preconceitos contra qualquer tipo de diferença, conseguir compreender os problemas aos quais as crianças de um bairro da periferia da cidade estão expostas. A falta de recursos financeiros expõe meninos e meninas à situações de riscos que nem mesmo a família consegue dar-se conta da imensidão do problema. É necessário que o professor tenha consciência de que seu aluno, seja ele negro ou branco, pobre ou rico, é responsável sua dentro da escola e que sua valorização como sujeito de sua

aprendizagem, como ser humano, é um direito dele e é dever do professor fazer o que estiver a seu alcance para que esse direito seja respeitado.

Muitos professores buscam incansavelmente o novo, as novas concepções avaliativas, novos métodos pedagógicos, mas esquecem que eles é que precisam se despir dos preconceitos que os impedem de ver a necessidade de uma profunda reflexão sobre sua prática pedagógica, buscando conscientizar-se de seu verdadeiro papel como educador.

5- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

DAYRELL, Juarez (org.). *Múltiplos Olhares sobre a Educação e Cultura*. Belo horizonte: UFMG. 1996. p. 179 a 194

FAZENDA, Ivani C. Arantes. (et. Al.). *Novos enfoques da pesquisa educacional*. São Paulo: Cortez. 1992.

FREIRE, Paulo. *Educação e Mudança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1979.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão*; tradução de Raquel Ramallete. 27ª edição. Petrópolis: Vozes. 1987.

HOFFAMANN, Jussara Maria Lerch. *Avaliação Mediadora: Uma Prática em Construção da Pré-Escola à Universidade*. Porto Alegre: Educação e Realidade. 1993.

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. 9394/96.

LUCKESI, Cipriano Carlos. *Avaliação da Aprendizagem Escolar: Estudos e Proposições*. 14ª edição. São Paulo: Cortez. 2002.

LUDKE, Menga e **ANDRÉ**, Marli E. D. *Pesquisa em Educação abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

ROMÃO, José Eustáquio. *Avaliação Dialógica. Desafios e Perspectivas – Guia da Escola Cidadã*. São Paulo: Cortez, 1998.

SACRISTÁN, J. Gimeno. *Escolarização e cultura: Dupla determinação* In: **SILVA**, Luiz Eron da. *Reestruturação Curricular: Novos mapas culturais, novas perspectivas*. Porto Alegre: Sulina, 1996. p. 34 a 57

SANTOMÉ, Jurjo Torres. *A instituição escolar e a compreensão da realidade: O currículo integrado*. IN: **SILVA**, Luiz Eron da. *Reestruturação Curricular: novos mapas culturais, novas perspectivas*. Porto Alegre: Sulina. 1996. p. 58 a 74.

SAUL, Ana Maria. *Avaliação Emancipatória: desafios à teoria e à prática de avaliação e reformulação de currículo*. 3ª edição. São Paulo: Cortez, 1995.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *O que produz e o que reproduz em educação: Ensaio de Sociologia da Educação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

PENIN, Sônia. *Cotidiano e escola: A obra em construção*. 2ª edição. São Paulo: Cortez, 1995.

VILLAS BOAS, Benigna Maria de Freitas (Org.). *Políticas e Práticas*. Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico. Campinas, S.P.: Papirus, 2002.